UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
FACULDADE DE ARTES E COMUNICAÇÃO – FAC
CURSO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA

IURI FLORES ORTIZ

MARGINAL:FOLKCOMUNICAÇÃO, UMA ANÁLISE DO GRAFITE EM PASSO FUNDO/RS.

IURI FLORES ORTIZ

PASSO FUNDO

2015

IURI FLORES ORTIZ

MARGINAL: FOLKCOMUNICAÇÃO, UMA ANÁLISE DO GRAFITE EM PASSO FUNDO/RS.

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Publicidade e Propaganda da Universidade de Passo Fundo/RS.
Orientadora: Prof. Me. Margarete Teresinha Barriquel de Cesaro

PASSO FUNDO

2015.

RESUMO

A presente pesquisa aborda as relações da Folkcomunicação e o Grafite no âmbito da cultura popular, com ênfase especial na Cidade de Passo Fundo/RS. Conceituando e aprofundando o tema grafite, mostra-se que esta arte tem seu papel comunicacional na sociedade, pois trabalha com mensagens diretas e, da mesma forma, com desenhos propensos a diferentes interpretações. As categorias da Folkcomunicação ajudaram a explicar a dimensão desta arte, uma vez que o grafite é uma arte urbana, diretamente vinculada à ideia do popular. A pesquisa ainda reproduz, brevemente, o histórico do grafite na cidade de Passo Fundo/RS, e como este cresceu a partir da conquista de espaços, seja na mídia, seja nos muros. Ainda possui como objetivo principal compreender a real relevância que a arte do grafite oferece na comunicação com os passo-fundenses, por meio dos estímulos gerados através deste. Este trabalho traz, então, a relação entre Folkcomunicação e o grafite passo-fundense, aliando este ao conceito de cultura popular por estar inserido no movimento *hip-hop*, ou seja, uma cultura periférica.

Palavras-chave: Comunicação. Folkcomunicação. Grafite.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cope e sua assinatura 17
Figura 2 – Trabalho realizado por Cope em um vagão de trem 17
Figura 3 - Print Screen do site da MUBE 20
Figura 4 – Icone Kill pintando 21
Figura 5 – Does pintando 22
Figura 6 – *Follow your dreams* 23
Figura 7 – Redes sociais 23
Figura 8 – Escondendo a sujeira 24
Figura 9 – Lousiana – Estados Unidos, 2013, Grafite de Does 25
Figura 10 – Passo Fundo/RS – Grafite de Tiago 25
Figura 11 – Frederico Westphalen/RS, 2015. Grafites de Iugue e Code 26
Figura 12 – Grafite de Bowser 27
Figura 13 – *Tag* de um grafiteiro 27
Figura 14 – Grafite de Wild Boys Crew. Napolis, 2013 28
Figura 15- Grafite de Sipros no evento Meeting of Styles em Milão, Itália, 2015.....28
Figura 16 – Grafite de Daim 29
Figura 17 – Pichações Variadas 31
Figura 18 – Pichação de mensagem 32
Figura 19 – Grafite do grupo Tag Ville Crew 01 33
Figura 20 - Grafite do grupo Tag Ville Crew 02 34
Figura 21 - Grafite do grupo Tag Ville Crew 03 34
Figura 22 – Mensagem irônica para transeuntes 36

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 5

1. COMUNICAÇÃO.....7
1.1 Folkcomunicação.....8

2. CULTURA POPULAR.....11
2.1. A representatividade das periferias pela cultura.....11

3. GRAFITE.....15
3.1. Estilos de Grafite.....19
3.2. Pichação.....29
3.3. O Grafite em Passo Fundo/RS.....32

4. METODOLOGIA.....39

5. ANÁLISE E DISCUSSÕES.....41

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....46

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....48

APÊNDICES.....51

ANEXOS.....58

INTRODUÇÃO

O grafite é uma arte urbana nascida em Nova York/EUA, nos anos 70, com características próprias, tendo como tela os muros, metrôs e demais espaços públicos. Com o passar do tempo, juntamente com a evolução técnica e estética, o grafite tornou-se uma forma de expressão artística e cultural, chamando atenção para diferentes interpretações das obras criadas nos muros. Após tal evolução alcançar as grandes cidades brasileiras, o grafite surge na Cidade de Passo Fundo/RS, meados dos anos 90, através de um grupo de amigos que, esporadicamente, praticava essa arte. Alguns anos após, criou-se a primeira *crew*[1] na cidade, composta por nove integrantes, os quais ascenderam a ideia do grafite e espalharam-na pelos muros da cidade.

A presente pesquisa traz uma abordagem que referencia o grafite como forma de comunicação. Abrangendo, sumariamente, a comunicação como um encontro social para determinada prática, demonstra-se que o grafite pode ser revelado através da folkcomunicação, uma vez que representa a manifestação artística popular, seja pela sua emissão até sua recepção.

Nesse sentido, a pesquisa revela que a folkcomunicação é a comunicação em nível popular, ou seja, a comunicação exercida pelo povo, tanto informativa quanto artística, e não aquela diretamente ligada aos meios de comunicação de massa. Ou seja, por esta definição, é possível perceber que a prática do grafite adentra na espécie de comunicação, pelo seu viés de manifestação de uma cultura popular.

Em se tratando da cultura popular, levando em consideração a premissa da folkcomunicação, conceitua-se esta como a expressão que caracteriza os hábitos, gostos e manifestações criadas por um grupo de pessoas que participam ativamente nelas. Através do subcapítulo presente nesta pesquisa, demonstra-se a representatividade das periferias pela cultura, os movimentos e expressões culturais desenvolvidos pelos integrantes periféricos, expressões estas que envolvem, entre outros exemplos abordados, o *hip-hop*.

Ao tratar sobre o *hip-hop*, adentra-se ao tema supracitado: o grafite. Após expor o grafite como atividade comunicacional, fundamentada pela folkcomunicação, a presente pesquisa tem por objetivo demonstrar a relação do grafite e a folkcomunicação na cidade de Passo Fundo/RS, tendo como problemática o caminho para a aceitação desta atividade como manifestação artística, ou seja, como comunicação popular.

---

[1] *Crew* é um conjunto de grafiteiros que se reúne para pintar ao mesmo tempo.

Expondo as dificuldades enfrentadas pelos precursores dessa prática, seja pelo viés estrutural no sentido de abertura de espaço para realizar os seus trabalhos, ou pelo preconceito enfrentado, resulta-se na contextualização do grafite nos dias atuais, em que vem ganhando espaço até mesmo nos meios de comunicação de massa, obtendo, finalmente, o título de manifestação artística popular.

Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica focada nos assuntos pertinentes a pesquisa, utilizando as técnicas de leitura e fichamento. Também, fora levantado um registro documental através de depoimentos de dois pioneiros desta arte na cidade, reproduzindo a realidade do problema da pesquisa.

Vinculado ainda às observações de cunho pessoal do crescimento do grafite ao longo do tempo como arte (urbana) popular, justifica-se a escolha do assunto em tela pela representatividade dos ideais político-sociais dos artistas e pelos estímulos comunicacionais gerados por esta arte nos cidadãos, reproduzindo a comunicação estudada pela folkcomunicação.

1. COMUNICAÇÃO

A Comunicação é o princípio fundamental de uma sociedade. Na sociedade moderna, comunicar-se pode se dar de diversas formas. Neste capítulo será tratado o conceito de comunicação, assim como um breve histórico do termo. Ainda haverá um subcapítulo que trata diretamente da Folkcomunicação.

Segundo Martino (p.12-13, 2001), o termo comunicação vem do latim *communicatio,*do qual distinguem-se três elementos: uma raiz *munis*, que significa "estar encarregado de", que acrescido do prefixo "co", o qual expressa simultaneidade, reunião, temos a ideia de uma "atividade realizada conjuntamente", completada pela terminação *tio*, que por sua vez reforça a ideia de atividade. Resumindo, o autor revela que "A originalidade dessa prática fica por conta dessa ideia de romper o isolamento".

O autor prossegue, afirmando que o nome *communicatio* aparecera pela primeira vez ao nomear a prática de "tomar a refeição da noite em comum". Ele confirma a afirmação dizendo:

> [...] cuja peculiaridade evidentemente não recai sobre a banalidade do ato de "comer", mas de fazê-lo "juntamente com outros", reunindo então aqueles que se encontravam isolados. A originalidade dessa prática fica por conta dessa ideia de "romper o isolamento", e nisto reside a diferença entre communicatio eclesiástica e o simples jantar da comunidade primitiva. Não se trata pois de relações sociais que naturalmente os homens desenvolvem, mas de uma certa prática, cuja novidade de se forjar uma nova palavra, para exprimir a novidade dessa nova prática.(MARTINO, 2011, p. 13)

O autor continua e diz que alguns sentidos importantes se encontram implicados nesse sentido original:

> 1) o termo comunicação não designa todo e qualquer tipo de relação, mas aquela onde haja elementos que se destacam de um fundo de isolamento; 2) a intenção de romper o isolamento; 3) a ideia de uma realização em comum. (MARTINO, 2011, p.13).

Ainda, Martino (p.14, 2001) entende que "deve-se distinguir comunicação de dois outros termos. O primeiro é "participação", no sentido platônico". Esta expressa a relação dos seres sensíveis com as ideias, como por exemplo, as folhas das árvores e a esmeralda participam do verde, da ideia do verde. Porém, comunicar não é "ter algo em comum" na questão de características ou propriedades semelhantes, o termo não se refere à essência ou atributos. Assim pode-se afirmar que:

> [...] a constatação de que duas coisas tenham as mesmas propriedades não é suficiente para caracterizar uma relação comunicativa. Não é porque as folhas das árvores são verdes e a esmeralda também é verde, que elas se comunicam. E, por outro lado, comunicar não é "ter algo em comum", apenas por ser membro de uma mesma comunidade.

Pode ser percebido, assim como Martino (p.14 2001) afirma, “no próprio sentido etimológico do termo já aparece a comunicação como o produto de um encontro social, a comunicação designa um processo bem delimitado no tempo, mas ela não se confunde com a convivialidade”.

Assim sendo, Martino (2001), conclui que, em sua acepção mais fundamental, o termo “comunicação” refere-se ao processo de compartilhar um mesmo objeto de consciência, ele exprime a relação entre consciências.

1.1 Folkcomunicação

A folkcomunicação abrange as formas populares de comunicação, sejam elas meramente informativas, que expressem algo ou até mesmo artísticas. Diferentemente dos meios de comunicação de massa, a folkcomunicação tem como finalidade estudar a comunicação exercida pelo povo. Neste sub-capítulo este assunto será tratado diretamente, utilizando conceitos e pesquisas de autores que são estudiosos da comunicação.

De acordo com Beltrão (2001, p.8 - 73), “pode-se dizer que folkcomunicação é comunicação em nível popular. Por popular deve-se entender tudo o que se refere ao povo, aquele que não se utiliza de meios formais de comunicação”, afirmando ainda que a folkcomunicação é

o processo de intercâmbio de mensagens através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore e, entre suas manifestações, algumas possuem caráter e conteúdo jornalístico, constituindo-se em veículos adequados à promoção de mudança social. Beltrão (2004, p.11) completa, ao dizer que objeto de estudo constitui uma disciplina científica dedicada ao "estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias".

Pode-se dizer, ainda, que a folkcomunicação é uma forma de comunicação de pessoas a margem da sociedade, ou seja, marginalizadas, uma forma folclórica. Beltrão completa essa ideia ao dizer que:

> Para alguns, dar ouvido a esses indivíduos teria sido perda de tempo. É que eu não esquecera da lição da Lazarsfeld de que os líderes de opinião não se encontram particularmente nas classes mais cultas ou entre pessoas de maior prestígio da comunidade "mas distribuem-se de forma bastante equilibrada por todas as classes e profissões." [...] Essas formas de expressão se firmavam em costumes e práticas vindas dos antepassados e pertenciam agora ao folclore – menosprezado pelos senhores, que atribuíam a ele o valor de circo romano. Essa visão veio em conseqüência da fragmentação da sociedade que acontecia que prosseguia por todo o século IV e teve o ápice com a abolição da escravatura, uma vez que os escravos engrossaram a camada "marginalizada" da sociedade. Incorporando a ela vigoroso patrimônio sociocultural que não era entendido pelas elites. (2001, p. 76-77)

O processo comunicacional criado a partir dessas estórias e lendas, transmitidas através de simbolismo para o povo, acontecem até hoje na forma de folhetos impressos, na literatura de cordel, nas celebrações, entre outros (Beltrão, 2001, p. 78).

Então, conforme Beltrão, folkcomunicação é "o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes da massa, através dos agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore."

Como descrito por Sousa e Pedrosa (2012, p.84), enquanto Hohlfeldt observava os andamentos dos estudos de Beltrão na década de 1960, percebeu que o mesmo "mantinha certa aproximação conceitual com os estudos difusionistas norte-americanos, principalmente levando em consideração o que ele chama de duplo fluxo da realidade latino-americana, na qual o Brasil está inserido". Realidade que está marcadamente permeada, de um lado, pelas tradições populares

e, por outro, pela informalidade nos processos comunicacionais. (SOUSA e PEDROSA, 2012, p.84).

Segundo Hohlfeldt (2002, p.1), a folkcomunicação não é mais apenas o estudo da cultura popular ou do folclore. O autor atualiza o conceito de folkcomunicação:

> A folkcomunicação é o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos. A folkcomunicação, portanto, é um campo extremamente complexo, interdisciplinar – necessariamente – que engloba em seu fazer saberes vários, às vezes até contraditórios, para atingir seus objetivos e dar conta de seu objeto de estudo. (HOHLFELDT, 2002, p. 1).

Conforme descrito por Sousa e Pedrosa, pode-se perceber, claramente, que os autores não divergem sobre o conceito de folkcomunicação, o que ocorre então, é uma atualização conceitual de um tema em constante evolução. Os autores afirmam que:

> Beltrão define-o como um processo em que há um intercâmbio de informações que se manifestam em opiniões, ideias e atitudes da massa por meio dos agentes e meios ligados de maneira direta ou indireta ao folclore. Na visão de Hohlfeldt, o conceito anteriormente definido por Beltrãovai ficar mais complexo com a incorporação de outros elementos como a comunicação massificada e a industrialização, que vão influenciar a convivência e a socialização com outras cadeias comunicacionais. (SOUSA e PEDROSA, 2012, p.85)

Tendo como base a pesquisa acima descrita, percebe-se que folclore e cultura popular estão inseridos em folkcomunicação, apesar desta não estudar apenas estes dois conceitos. O próximo item a ser estudado será o conceito de Cultura Popular.

2. CULTURA POPULAR

Cultura popular significa, em suma, a expressão que caracteriza, de acordo com a região, país ou contexto social, os hábitos, gostos e manifestações criadas por um grupo de pessoas que têm uma participação ativa nelas.

O homem criando determinado comportamento e/ou pensamento que se dissemina para seu coletivo, tem-se uma cultura territorial, marcada pela tradição desses pensamentos e comportamentos para as próximas gerações e, da mesma forma, para os demais grupos territoriais (sociais).

Na concepção de Rocha (2009):

> O modo como o conceito de cultura popular é concebido pelos intelectuais da época permite perceber algumas oscilações de sentido nos quais ora esta significa alienação, ora significa resistência, ora ainda significa a possibilidade de, nos termos de Bakthin e Roberto DaMatta, "carnavalização". Esta oscilação de sentido também seria dramatizada pelos intelectuais do CPC (Centro Popular de Cultura) que vêem então, três modos de pensar a cultura como arte: arte do povo como equivalente do folclore; a arte popular como aquela relacionada à indústria cultural e característica dos meios urbanos; e, por fim, a arte popular revolucionária como sendo a arte produzida pelos intelectuais e artistas com o propósito de produzir a consciência de classe e, por conseguinte, a transformação da realidade social.

A matéria é frequentemente discutida em disciplinas como Ciências Sociais, Antropologia e História. Significa dizer que, desde o surgimento do homem, a ideia de cultura se encontra presente, pois se trata, como supramencionado, de hábitos e manifestações criados por pessoas, sobretudo, um conjunto de indivíduos que convivem no mesmo território.

2.1. A representatividade das periferias pela cultura

A monopolização dos meios de produção cultural por aqueles que possuem maior poder aquisitivo reflete a desigualdade ainda presente em nossa sociedade, seja pelo aspecto financeiro, ou pela (vasta) diferença educacional. Entretanto, mesmo com maiores dificuldades, os centros

periféricos, formados por aqueles que não tiveram acesso pleno à educação formal e não possuem, por isso, o padrão cultural determinado por parcela da sociedade, obtiveram reconhecimento da sua produção cultural, sendo esta uma forma de expressarem sua identidade contextual, reproduzirem sua realidade, expressando sua intenção de, muitas vezes, comunicar-se com os demais contextos que não os escutam.

Mais uma vez, Rocha (2009) resume que:

> A "cultura popular" tem merecido a atenção dos intelectuais ocidentais desde fins do século XVIII, momento em que a Europa viveu inúmeras e profundas transformações em todos os níveis da vida social. Desde então, a divisão cultural entre o erudito e o popular se estendeu a outros níveis da realidade social, por exemplo, entre o rural e o urbano, o oral e o escrito, o tradicional e o moderno. Frente ao processo civilizatório, imaginado como inelutável pelos defensores do Iluminismo e, por conseguinte, do Evolucionismo aplicado à sociedade, os valores e os costumes correspondentes ao mundo da cultura popular considerados ameaçados de desaparecimento passaram a merecer a defesa de inúmeros intelectuais que, em concorrência àqueles movimentos intelectuais, viram nas festas, na poesia, nos jogos, nas músicas e nas danças das classes subalternas, não só uma forma de resistência cultural, senão um sistema cultural de preservação do "*espírito do povo*" - base de muitos nacionalismos emergentes

A necessidade da criação de uma cultura "própria" vem da ausência de representatividade dos centros periféricos na "cultura tradicional". A gravidade está no sentido de que a cultura tradicional, elencada, como anteriormente destacado, pela elite social, não reflete a realidade da maioria dos brasileiros. Hermano Vianna, em um texto de divulgação do programa Central da Periferia[2], descreve com bastante clareza tal situação:

> O minúsculo país cultural oficial, mesmo o retratado nos programas mais "populares" da mídia de massa, parece uma pequena e claustrofóbica espaçonave, em rota de fuga através de buracos negros, cada vez mais afastado do país real, da economia real, da cultura da maioria. (VIANNA, 2006, p. 02)

[2]Central da Periferia foi um programa exibido pela Rede Globo no ano de 2006. Exibido aos sábados e apresentado por Regina Casé, ele tinha o objetivo de mostrar e divulgar a cultura feita nas periferias e dar voz aos artistas periféricos de todo o Brasil.

É possível perceber, então, que surgiu, na parte da população que não se via representada pela cultura imposta pela classe dominante, a necessidade de mostrar, também, a sua identidade, sua voz, seu gosto musical, e, eis o mais interessante para o presente estudo, mostrar sua arte.

Catenacci (2001), citando Canclini (1989), ressalta que:

> [...] a história do popular sempre foi relacionada com a história dos excluídos, que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido e conservado. Por conseguinte, na maioria dos estudos feitos sobre a cultura, o avanço é considerado como promovido única e exclusivamente pelos setores hegemônicos, já que no tradicional estão arraigados os setores populares. [...]

Catenacci (2001), ainda citando Canclini (1989), salienta que:

> A proposta de desconstrução do conceito popular passa, segundo o autor, pela necessidade de desfazer as operações científicas e políticas que levaram à cena opopular: o folclore, as indústrias culturais, o populismo político.Em todas essas operações, Canclini destaca que o popularé algo construído, mais que preexistente. Hoje, o popular na América Latina não é o mesmo quando apresentado pelos folcloristas e antropólogos nos museus, nos anos 20 e 30; pelos comunicólogos nos meios massivos,
> desde os anos 50; ou pelos políticos, para o Estado oupartidos e movimentos de oposição, desde os anos 70. Para esse autor, a crise atual da investigação do popular se dá devido à forma pela qual os paradigmas são construídos nas Ciências Sociais. Segundo ele, essa construção é feita de forma desconectada, e essa cisão que condiciona as divisões interdisciplinares é a mesma que confronta tradição e modernidade.

Corroborando com o alegado pelo autor, é importante frisar que as manifestações culturais das periferias sempre existiram (nas músicas, desde o samba até o mais atual rap, na dança, com o *breakdance* e *hip-hop*, entre outros exemplos), porém, não havia o reconhecimento como manifestação artística de um contexto social.

A periferia sempre foi culturalmente relevante para o país. De acordo com Salles (2004), ela oferece um ingrediente importante ao cenário cultural brasileiro, pois é um espaço de significativa produção de bens simbólicos que tem a capacidade de representar minorias da sociedade que, na verdade, quando juntas formam a maioria dos brasileiros.

O autor ainda explica:

> Essa não é uma grande novidade, uma vez que desde seu surgimento a favela não tem sonegado os múltiplos aspectos de sua criatividade, o que se expressa desde o samba até o funk. A novidade é como isso se dá agora no contexto das relações sociais, como e em que sentido elas se modificaram. Não por acaso, muitos rappers incluem em seus repertórios canções dedicadas a homenagear favelas. Esse é um procedimento que os aproxima de Bezerra da Silva, que compôs um samba – "Aqueles morros" – em que homenageia as favelas do Rio de Janeiro.

Veja-se, a cultura popular revela-se, portanto, a intenção do indivíduo (ou do coletivo) em ter sua realidade, sua identidade, representada. Da mesma forma que, por muitos anos, somente se reproduzia o ideal cultural da Igreja, posteriormente da burguesia, atualmente, a cultura popular se difundiu para todos os contextos sociais.

Um grande exemplo de representação dos centros periféricos é a cultura do *hip-hop*, que tem seu lugar no Brasil a partir da década de 70, importada dos Estados Unidos. Essa cultura ganhou espaço inicialmente na favela e periferias, por conta de seu caráter de resistência (marcado pelo rebatimento político e social, buscando cada vez mais a aceitação do negro, pobre, favelado e demais sujeitos menosprezados pela "alta sociedade"), ascendendo, ao longo do tempo, para todas as classes sociais.

O grafite (que será tratado no próximo capítulo), que é uma das grandes marcas dessa cultura, vem ganhando valorização no mundo das artes plásticas, sendo que já passou a ocupar espaços em galerias de arte, atingindo altos preços no mercado, indo além das paredes e muros das áreas urbanas que, inicialmente, eram as "telas" gratuitas dos "desenhos". Ou seja, o grafite pode ser considerado como a arte de rua, acessível para todos aqueles que a buscam, independendo a classe social, a realidade de vida e, tampouco, a renda e o *status* na sociedade.

3. GRAFITE

O grafite está inserido no âmbito marginal por se tratar de uma forma de expressão transgressora. Além da transgressão, o grafite também se comunica com tudo ao seu redor, e, juntamente da pichação e outras formas de arte de rua atuam de forma intervencionista no ambiente urbano.

Entende-se que, segundo muitos pesquisadores, o grafite é tido como uma arte e forma de expressão, oriundos desde a pré-história, porém "[...] nos muros das cavernas, esses se valiam de simbologias e desenhos, mas não possuíam um alfabeto padronizado para, de fato, escreverem textos" (GONÇALVES, 2014, p.24-25).

Segundo Gitahy (1999) o grafite é uma forma de expressão e comunicação que está no âmbito artístico e da intervenção urbana. Ambientado nas ruas, o grafite, juntamente da pichação, se comunica de forma transgressora, a qual permitiu, indiretamente, a grande disseminação e evolução destas vertentes da arte urbana. Porém, definir o que é o grafite conhecido atualmente não é algo tão simples, pois,

> [...] tantas são as suas definições e aplicações, que têm origem em contextos diversificados a que, os próprios protagonistas, não conseguem responder de forma inequívoca. Diferentes representações impendem sobre o termo e os seus horizontes imaginários. Tal não me impede de proceder a uma análise detalhada da sua evolução enquanto terminologia, prática e artefactocolectivo. (CAMPOS, 2007, p. 250).

Segundo, Campos, o termo grafite, para o cidadão comum, "refere-se, usualmente, às inscrições executadas no espaço urbano citadino, em suportes diversos, como os muros, as paredes e varia do mobiliário urbano, através da utilização de diferentes instrumentos." (p. 252). Completa, ao dizer que "o grafite, tomado no seu sentido lato, seja por uns, qualificado de obsceno e indecoroso, absurdo, feio e dispensável, um verdadeiro ato de vandalismo, quando para outros é uma forma de arte, de reivindicação política, de cidadania e liberdade ideológica" (p. 253).

O termo grafite, então,

> [...] deriva do italiano graffiare, que significa algo como riscar. Grafite, palavra entretanto banalizada, corresponde ao plural de graffito e designa «marca ou inscrição feita num muro/parede». É a denominação dada às inscrições feitas em paredes desde o império romano (inscrições presentes nas catacumbas de Roma ou em Pompeia). O termo aqui tratado é, etimológica e conceptualmente, indissociável de um processo histórico em que é utilizado, reformulado e institucionalizado enquanto expressão de uso comum. O termo grafite passou aser utilizado para o singular e plural, indistintamente. Se podemos identificar vários espécimesdegrafite na rua, temos de reconhecer que apenas alguns o são legitimamente, de acordo com aquilo que, historicamente, se convencionalizou chamar grafite, com base numa especificidade de linguagens, modos de produção e atmosfera cultural. Não sendo, portanto, fácil circunscrever o grafite enquanto conceito, algumas dimensões permitem-nos adensar o discurso, contribuindo para uma análise mais sistematizada. (CAMPOS, 2007, p. 251).

Como afirmado por Gitahy, os praticantes do grafite foram os responsáveis por espalhar para todo o mundo esta forma de arte. Os primeiros artistas do movimento permitiram que isto fosse possível, “pois foi pela primeira amostra de graffiteiros que o gosto por esta atividade aflorou”. O autor completa em seguida que “levou um certo tempo para que estes artistas conseguissem uma produção de rua e seus respectivos registros fotográficos e, então, o grafite de qualidade pudesse conquistar o espaço que tem conquistado e se tornado história”. (1999, p. 34).

A seguir apresentam-se duas figuras ilustrando um artista pioneiro do grafite nova-iorquino, Cope 2[3], considerado por muitos como uma lenda:

[3]Nascido em 1968 como Fernando Carlo Jr. na cidade de Nova York. As pinturas de Cope 2 foram exibidas em exposições individuais e coletivas em galerias e museus em todo os Estados Unidos e internacionalmente. É um artista autodidata que é uma lenda célebre contribuindo com mais de 30 anos para a cultura do graffiti e de arte de rua. Um dos mais prolíficos artistas de graffiti de Nova York, ele começou a marcar seu nome no South Bronx, em 1978. Ele desenvolveu seu estilo nos metrôs e ruas do Bronx, criou produções de graffiti em toda a década de 1980 e 1990 e alcançou o reconhecimento internacional por seu estilo distinto.(COPE2. About. Disponível em:<http://cope2art.com/about>. Acesso em: 3 jun. 2015).

Figura 01. Cope2 e sua assinatura.

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Figura 02. Trabalho realizado por Cope2 em um vagão de trem.

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Certo tempo atrás, por se tratar de uma arte considerada marginal, ou seja, à margem da sociedade por ser transgressora, o grafite se tornou, juntamente com a pichação, um crime ambiental pelo artigo 65 da Lei 9.605/1998. Porém no dia 25 de maio de 2011 o presidente da República sancionou uma nova Lei de número 12.408, descriminalizando o grafite,

> Não constitui crime a prática de grafite realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado, mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário e, quando couber, pelo locatário ou arrendatário do bem privado e, no caso de bem público, com a autorização do órgão competente e a observância das posturas municipais e das normas editadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional. (BRASIL, 2011)

O grafite não deixou de se desenvolver pelo fato de ter se tornado um crime, o que aconteceu foi exatamente o oposto. Segundo Gitahy, "paradoxalmente, esse impedimento do exercício coletivo de liberdade de criação contribui para que o artista continue na busca da perfeição, superando-se, firmando-se acima das possíveis críticas e da aceitação maior do público".

Conforme Baudrillard em seu estudo *Kool Killer* ou a Insurreição pelos signos (1996) escreve que o grafite deixava em Nova York, um "grafismo rudimentar ou sofisticado cujo conteúdo não é político nem pornográfico, compondo-se apenas de nomes, sobrenomes retirados de gibis underground".

Segundo Gonçalves (2014, p.25), "O grafite, como conhecemos hoje, surge, portanto, a partir da escrita e ainda é fortemente conhecido por expressar crítica e insatisfação social. Essa marca de linguagem revolucionária tem a ver com a sua disseminação a partir, essencialmente, do movimento *hip-hop*". Entretanto, assim como Souza (2011), reconhecendo-se que o *hip-hop* é composto de quatro elementos, sendo eles: o *MC*, o *DJ*, o *Break Dance* e o Grafite e que os mesmos constituem a base da cultura *hip-hop*, o foco do trabalho se dá sobre a visão do grafite.

O grafite como é conhecido atualmente, é ambientado, geralmente, nos grandes centros urbanos. Para que se possa perceber o possível motivo do mesmo estar inserido desta forma no cenário de grandes e pequenas cidades, pode-se ter como base a afirmação de Souza (2011):

> A marca do *hip-hop* como cultura de rua revela que, para além de se caracterizar como um modo de intervenção artística, o movimento impõe um modo de viver e de se expressar, usando os lugares públicos como espaços de práticas sociais e culturais. (SOUZA, 2011, p. 73)

Esta vertente artística surgida nos guetos de Nova York, independente da proibição, continuou a se espalhar e a evoluir estética e politicamente através da insistência e do amor pelo que se fazia. Baudrillard (1996,p.99) diz também que, "apagam-se os desenhos, detêm-se os grafiteiros, prendem-se grafiteiros, proíbe-se a venda de spray e outros artefatos – isso em nada os afeta: eles os fabricam artesanalmente e recomeçam todas as noites".

Completando, Campos (2007, p. 255) escreve que, "agir no território do proibido parece ser, invariavelmente, algo que distingue o grafite de outras formas de comunicação no espaço público. E aqui surge o ato de rebelião. E surge, igualmente aquilo que é fundamental, e provavelmente justifica a ação dos jovens nestes territórios, o prazer da transgressão".

Para Gitahy, "o grafite reflete multiculturalidade na produção de estilos diversificados [...]", completando a ideia de que grafitar também é uma forma de se fazer arte e de se comunicar com as pessoas, independente se o mesmo se dá de forma aceitável e permitida pela sociedade ou de forma transgressora, marginal e ilegal como a pichação.

O grafite divide-se em estilos, que vão dos mais simples aos mais sofisticados e trabalhosos. Estilos estes que terão um maior aprofundamento no próximo tópico.

3.1. Estilos de grafite

O grafite como é conhecido hoje tem uma história relativamente curta, porém, conforme afirma Ganz (2008, p.7), "ele já alcança quase todos os cantos do globo". Pode-se notar que esta afirmação feita pelo autor se comprova através dos meios de comunicação. (GANZ, 2008)

O grafite obteve notoriedade sendo considerado, inclusive, como *Fine Art*[4] e tendo alguns de seus artistas com maior destaque, convidados para participar da 1ª Bienal Internacional de Graffiti Fine Art. Conforme pode ser observado na figura que segue:

[4]FineArt de arte é uma arte visual criada com fins estéticos e apreciada pela sua beleza e significados. A pintura, a escultura, o desenho, a arquitetura e mais recentemente a fotografia, são meios utilizados para demonstrar a beleza da

Figura 03. Print Screen do site da MUBE[5].

Fonte: http://mube.art.br/expos/1a-bienal-internacional-graffiti-fine-art/

Esta manifestação artística obteve muita visibilidade até então, porém pouco se fala sobre os estilos pioneiros do grafite. Diversos estilos acabam ficando de fora dos padrões "aceitáveis" pela sociedade. É perceptível a evolução de traços e estilos dentro da cena do grafite mundial, assim como afirma Ganz (2008, p.7):

> O que dominava antigamente eram as letras. Hoje temos uma cultura que se expandiu: novas formas são exploradas, e personagens, símbolos e abstrações começam a proliferar. Durante os últimos anos, os grafiteiros têm utilizado um campo mais amplo de expressão. O estilo de cada artista é desenvolvido sem nenhuma restrição, com a utilização de *stickers* (etiquetas), pôsteres, estênceis, aerógrafos, pastéis oleosos, todas as variedades de tintas e até mesmo de esculturas. Muitos artistas se libertam do mero uso das latas de *spray*. (GANZ, 2008, p.7).

ARTE. São vertentes artísticas que promovem o sentido estético. (CONCEITO, Puro. Fine Art. Disponível em:< http://www.puroconceito.com/pt/servicos/fotografia/fine-art>. Acesso em: 3 jun. 2015).

[5] O MuBE – Museu Brasileiro da Escultura é uma instituição privada de interesse público criada para promover a arte em seus diversos segmentos, escultura, pintura, fotografia, grafite, desenho, música, cinema. Localizado em São Paulo, abriga uma ampla programação, com especial atenção à produção escultórica brasileira. O museu recebe, anualmente, de 80 a 100 mil pessoas, para ver seu acervo, visitar suas exposições, participar de suas atividades educativas, ou conhecer a arquitetura do edifício. (MUBE. O Museu. Disponível em: < http://mube.art.br/o-museu/>. Acesso em: 3 jun. 2015).

A partir dessa afirmação, Ganz ressalta que “muitos falam atualmente de um movimento pós-grafite, caracterizado por abordagens mais inovadoras quanto à forma e à técnica, que vão além das percepções tradicionais do estilo clássico do grafite”(2008, p.7).

Independentemente de alguns falarem de movimento pós-grafite, esta arte permanece com seus estilos e fiéis praticantes dos mesmos. Estilos estes que perduram até hoje, seguindo a linha criativa e técnica de cada artista e muitas vezes das regiões que estes se encontram.

Ainda segundo o autor (2008, p. 10), “o modelo nova-iorquino do grafite girava em torno da distorção de letras, mas muitas abordagens surgiram desde então – expandindo os limites da cultura do grafite”. Até os dias atuais o estilo preferido dos grafiteiros são as letras, como podem ser observados nas figuras a seguir:

Figura 04. Icone Kill pintando em São Paulo.

Fonte: Facebook: Arquivo pessoal do artista Icone Kill.

Figura 05. Does pintando em Sertãozinho/SP.

Fonte: Facebook: Arquivo pessoal do artista Does.

A partir da introdução acima realizada, pôde-se notar que, apesar dos preferenciais, o grafite ainda possui um grande conjunto de estilos. De acordo com Ganz (2008), dentro do grafite,

> Com o passar dos anos, o estilo original de letras se desenvolveu até abarcar uma grande variedade de formas tipográficas: a legível "letra de forma", o distorcido wildstyle, os conhecidos bubble style e 3D. As personagens, que começaram como um subsídio para as letras, hoje formam uma categoria autônoma do grafite e variam desde as cômicas até aquelas de perfeito fotorrealismo. Os grafites com logotipos e ícones, por outro lado, caracterizam-se pelo uso de emblemas bem vivos e de símbolos, respectivamente. (GANZ, 2008, p.10).

O grafite não se atém apenas aos estilos clássicos da arte, mas também a "técnica do estêncil (que envolve o uso de pincel ou da lata de spray para pintar imagens ou palavras através de um gabarito)" (GANZ, 2008 p.10), que obteve grande evidência, juntamente com a propagação dos trabalhos do "grafiteiro inglês Banksy, com sua mistura de figuras irônicas e

motivadas pela política" que se espalhou pelo mundo, tornando assim, o grafite ainda mais conhecido.

Seguem alguns trabalhos de Banksy:

Figura 06.*Follow your dreams. Canceled.*

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Figura07. Redes Sociais.

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Figura 08. Escondendo a sujeira.

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Sampaio (2006), citado por CRUZ (2014, p.110), elenca sete estilos de grafite, conforme se reproduz a seguir:

1) *Wild Style* – Literalmente, significa “estilo selvagem”, no qual as letras são bem elaboradas e complexas. Letras entrelaçadas e que tornam-se muitas vezes quaseindecifráveis e ilegíveis. Conforme se pode perceber na figura abaixo:

Figura 09. Lousiania - Estados Unidos 2013. Grafite de Does.

Fonte: Facebook: Arquivo pessoal do artista Does.

2) *Throwup* – Sua tradução literal é vômito, estilo muito utilizado em *bombs*. Ele apresenta geralmente letras mais simples, que, por outro lado, projetam uma sensação de movimento. Conforme observado na figura abaixo:

Figura 10. Passo Fundo/RS. Grafite de Tiago.

Fonte: Facebook: Arquivo pessoal do artista Tiago.

3) *Bomb* – Grafite ilegal, ou seja, sem autorização. Estilo que é realizado de forma rápida. Geralmente, são pintadas letras com uma ou duas cores e contorno. O estilo de letra preferido para este segmento é o *throwup*.

Figura 11. Frederico Westphalen, 2015. Grafites de Iugue e Code.

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

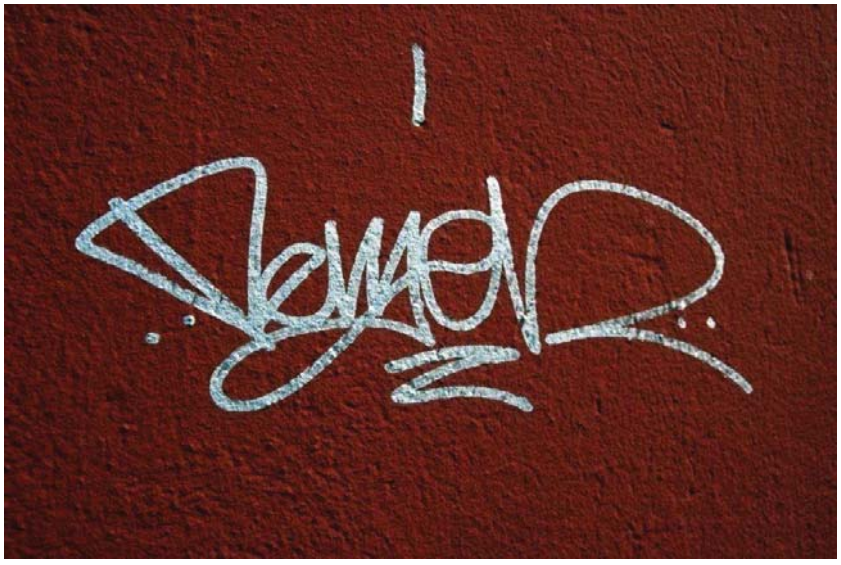
4) *Piece* – Este estilo se caracteriza, em especial, por uma variedade maior de cores e sua tipografia se apresenta mais legível.

Figura 12. Grafite de Bowzer.

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

5) A *Tag* é a assinatura do artista. É um elemento de fundamental importância no grafite, pois personaliza e identifica o grafiteiro. Considera-se a base para os demais estilos de letras já apresentados.

Figura 13. *Tag* de um grafiteiro.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

6) Personagem – Com variação desde o abstrato até o hiper-realismo, tem-se aqui um estilo figurativo. Nesta modalidade, é exigido do artista maior desenvoltura técnica e criativa.

Figura 14. Grafite de Wild Boys Crew. Napolis, 2013.

Fonte:Subsoloart.com

Figura 15. Grafite de Sipros no evento Meetingof Styles em Milão, Itália, 2015.

Fonte: Facebook: Arquivo pessoal do artista Sipros.

7) 3D – Estilo de grafite em que o trabalho com luz e sombra tem destaque especial. Caracterizado pela profundidade do desenho, pela técnica tridimensional, confunde-se a ilustração com realidade.

Figura 16. Grafite de Daim.

Fonte: Arquivo pessoal.

Conforme demonstrado, dentro do grafite existem diversos estilos de manifestação, podendo-se utilizar tanto desenhos (personagens) ou letras (estilizadas). Frisa-se que, para o público leigo identificar o artista, a técnica utilizada nas letras é de maior eficácia, pois a leitura é objetiva, não exige interpretação.

Em se tratando de objetividade, as letras se assemelham à pichação, a qual evidencia sua mensagem de forma direta e acessível, conforme se reproduzirá no tópico seguinte.

3.2. Pichação

A pichação, por mais que não esteja inserida nos mesmos padrões estéticos do grafite, será abordada neste capítulo com fim informacional para realizar a comparação entre as duas formas de intervenção urbana.[6]

[6]Intervenção Urbana é o termo utilizado para designar os movimentos artísticos relacionados às intervenções visuais realizadas em espaços públicos. No início, um movimento underground que foi ganhando forma com o decorrer dos tempos e se estruturando. Mais do que marcos espaciais, a intervenção urbana estabelece marcas de corte.

Esta forma de intervenção, segundo Vaz e Oliveira (2012), é:

> [...] aquilo que escapa, que quer ser visto, mas não admirado por muito tempo. Sejam manifestações individualistas, românticas, coletivas ou revolucionárias, elas se integram à paisagem, falam a partir da paisagem, mas querem ser mais do que isso. Querem sempre estar à margem, porque assim serão notadas. Formalmente se destacam pela repetição, pela demarcação anônima de territórios (VAZ e OLIVEIRA, 2012, p.7)

Independentemente do conceito subjetivo e empírico sobre a pichação, sabe-se que a pichação e o grafite estão inseridos dentro do mundo da intervenção urbana. Apesar de os mesmos terem surgido desde a época pré-histórica, segundo Soares (2007),

> [...] evidenciam-se, na produção dos grafites contemporâneos, temas e formas que sugerem um constante diálogo, quase atemporal, entre essas escritas pré-históricas e contemporâneas. Nessa época, os hominídeos representavam por meio de pinturas rupestres, nos muros das cavernas, o seu cotidiano, o modo de viver e se relacionar com o mundo. As imagens geralmente são permeadas por temas religiosos, políticos, sociais e culturais. É o primeiro momento em que o homem, mediante o uso imagético, passa a representar os sentidos que norteiam a sua vida. De acordo com Celso Gitahy (1999:11-12), "aquelas pinturas rupestres são os primeiros exemplos de graffiti que encontramos na história da arte." (SOARES, 2007, p. 2).

Ainda, segundo Soares (2007), a pichação e o grafite contemporâneos têm suas raízes firmadas na história destas manifestações artísticas dos Estados Unidos:

> O ponto de partida é o fim da década de 60. Nos Estados Unidos, 1966 a 1971 foi o período em que imigrantes negros e porto-riquenhos inscreveram as suas tags (assinaturas em inglês), juntamente com os números de suas casas, nos trens e muros dos subúrbios da Filadélfia e da Pensilvânia e, posteriormente, de Nova York, chamando a atenção da população e da imprensa (SOARES, 2007, p. 3).

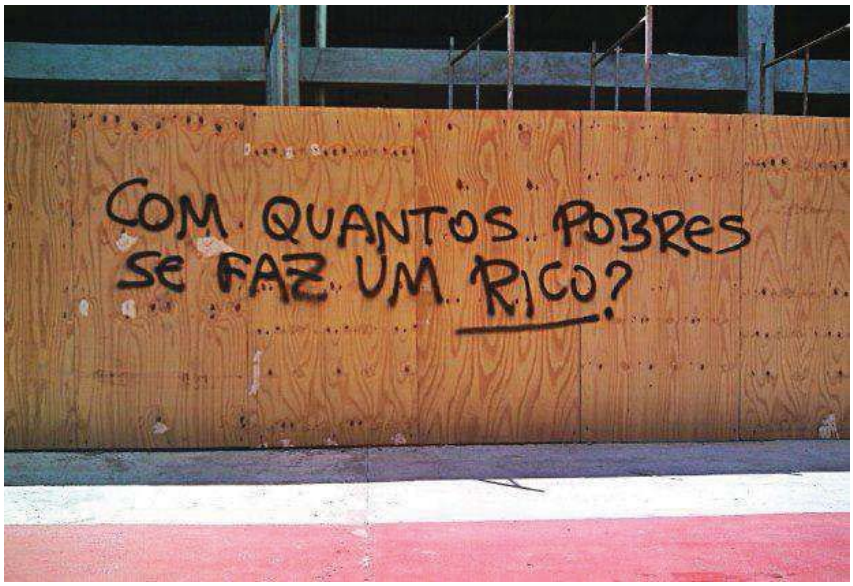
Particulariza lugares e, por decupagem, recria paisagens. Existem intervenções urbanas de vários portes, indo desde pequenas inserções através de adesivos (stickers) até grandes instalações artísticas. (URBANA Intervenção.*O que é intervenção urbana?* Disponível em: <http://www.intervencaourbana.org>. Acesso em: 19 mai. 2015).

Percebe-se que a mesma motivação que os grafiteiros têm, encontra-se nos pichadores, pois ambas as manifestações possuem questões estéticas e expressivas. Entretanto, enquanto o grafite abre-se para interpretações de seus desenhos ilustrativos, a pichação é famosa pela fácil compreensão de sua mensagem escrita, conforme fica exemplificado nas imagens que seguem:

Figura 17. Pichações variadas.

Fonte: Culturemobile

Figura 18. Pichaçãode mensagem.



Fonte:Soues.com.br

O grafite e a pichação no Brasil podem ser considerados irmãos, porém, um obteve mais notoriedade perante a sociedade que o outro, que é o caso do grafite. Tal conquista de notoriedade e aceitação, resultou na disputa por espaços entre as duas manifestações, em que pese oriundas de um mesmo ideal, que é a intervenção urbana.

A pichação, assim como o grafite, está presente em todas as cidades brasileiras, e na cidade de Passo Fundo não é diferente. A partir disto, o próximo tópico tratará diretamente do grafite em Passo Fundo/RS.

3.3. O Grafite em Passo Fundo/RS

O grafite em Passo Fundo/RS não é diferente do grafite em qualquer outro lugar do mundo. Iniciou de forma transgressora, oriundo da pichação e hoje adquiriu grande espaço e admiração da população da cidade.

Para se falar desta arte em Passo Fundo/RS, é essencial saber de que cidade se trata. A mesma está localizada no interior do estado do Rio Grande do Sul, na região do Planalto-Médio. Com população de 184.826 habitantes e área de 783,421 km2, a cidade de Passo Fundoestá entre as cidades que mais crescem em termos econômicos no estado. (IBGE, 2015).

O grafite na cidade cresceu consideravelmente nos últimos tempos, diferente de quando os primeiros artistas começaram com esta manifestação artística em Passo Fundo/RS. Hoje em dia, o grafite tem uma aceitação maior em relação às primeiras manifestações desta arte.

Segundo Diego de Oliveira (informação verbal[7]), um dos pioneiros do grafite em Passo Fundo/RS (que hoje trabalha com tatuagem), o grafite na cidade começou de forma transgressora, diversas vezes confundido com pichação pelo fato de que os primeiros trabalhos realizados eram os *bombs*, que por si eram feitos com rolinhos e tinta pva ao invés da convencional lata de *spray*.

Esta arte também foi marginalizada em Passo Fundo/RS. Diferentemente da visão dos artistas, a sociedade passofundense via todos os integrantes do grafite como pessoas marginalizadas ou desocupadas. Inclusive a polícia.

Os estilos preferidos pelos artistas na época eram as letras, com foco no *wildstyle,* por ser um dos estilos mais conhecidos e difíceis de fazer. Por outro lado, a cena desta arte hoje em dia na cidade,direciona o foco para os personagens e as letras mais legíveis e simples. Conforme pode-se perceber através das imagens a seguir:

Figura 19. Grafite do grupo *Tag Ville Crew* 01.

Fonte: Gentilmente cedido pelo grupo *Tag Ville Crew*.

[7]PEREIRA, Diego. Diego Pereira: depoimento [abr. 2015]. Conversa informal com Iuri Flores Ortiz. Passo Fundo/RS. 1 arquivo mp3 (9min40s). A conversa na íntegra se encontra transcrita no Apêndice A desta monografia.

Figura 20. Grafite do grupo *Tag Ville Crew* 02.

Fonte: Gentilmente cedido pelo grupo *Tag Ville Crew*.

Figura 21. Grafite do grupo *Tag Ville Crew* 03.

Fonte: Gentilmente cedido pelo grupo *Tag Ville Crew*.

Os atuantes desta arte na cidade eram em um número pequeno, porém todos eram amigos e normalmente realizavam seus trabalhos juntos. Eles tinham tanta dificuldade de conseguir material de qualidade, quanto de conquistar a aceitação da população em geral.

Nesse sentido, Diego afirma que:

> [...] era bem complicado aquele tempo, bem complicado. Não conseguia *cap*[8], não conseguia um *spray* bom, não conseguia uma tinta boa, não conseguia patrocínio, não conseguia formar uma *crew*. O pessoal não levava a sério, era complicado. [...] naquela época lá tu tava parado fazendo qualquer desenho numa parede, por mais que seja uma arte ou um desenho, por mais que tu tenha consentimento de que, digamos, fosse numa casa pessoal, casa particular, um muro particular de uma pessoa e fosse fazer, passava uma viatura e na mesma hora já queriam enquadrar né? Por que, ah, tá fazendo picho. Não viam como arte do grafite, como uma arte em geral né (Informação verbal[9]).

O grafite na cidade de Passo Fundo teve também outros artistas pioneiros. Dentre os envolvidos, pode-se destacar os nomes de Rodrigo "Negão", James Santana e Juliano Marava de Oliveira. Destes, obteve-se informações de apenas um, que se trata do Juliano Marava de Oliveira, vulgo Marava, que é envolvido com esta arte até hoje.

Para Juliano de Oliveira (informação verbal[10]), o grafite surgiu nos tempos de escola, mais precisamente na escola Mário Quintana, onde havia um grupo de danças que também pintavam logotipos de marcas de tênis e camisetas na quadra de esportes da mesma com pincéis, rolinhos e tinta PVA[11]. A partir deste movimento foi que ele desenvolveu o gosto pela arte e começou a praticar.

Ainda, segundo Juliano “Marava” (informação verbal[12]), o grafite passofundense tinha um grupo pequeno de artistas de grafite, porém destacam-se: Diego, Marcelinho, Jay San, um grupo de grafiteiros do bairro Santa Marta e o Parente.

---

[8] *Cap* é o bico da lata de spray que podem ser de diversos traçados, do mais fino ao mais grosso.
[9] *Idem* nota 7.
[10] OLIVEIRA, Juliano Luis Crivello de. Juliano Luis Crivello de Oliveira, vulgo Marava: depoimento [abr. 2015]. Conversa informal com Iuri Flores Ortiz. Passo Fundo/RS. 1 arquivo mp3 (8min30s). A conversa na íntegra se encontra transcrita no Apêndice B desta monografia.
[11] PVA é uma tinta látex a base d’água.
[12] *Idem* nota 10.

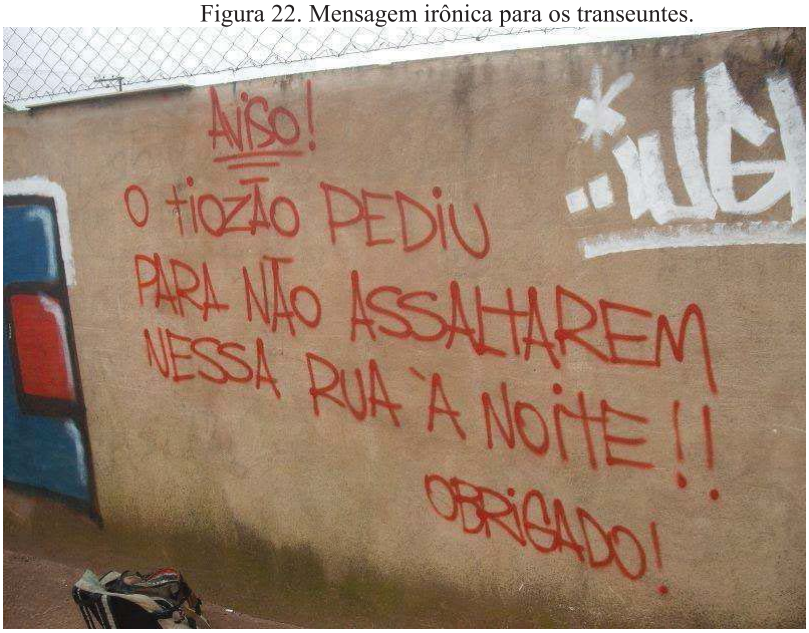
Marava confirma a informação supracitada de Diego quando afirma que:

> Eram poucos contatos que a gente tinha, mas era uma galera assim que não tinha muito recurso mas ainda fazia os seus trabalhos, fazia mais grafite em letra, não tinha muito essa questão do desenho, do busto em si, do rosto né? O pessoal trabalhava mais em letra e com bastante, essa questão dos estilos né? O pessoal trabalhava mais o *piece*, mais o *throwup*, hoje tu ve o desenho mais artístico mesmo (Informação verbal).

A partir das informações adquiridas com Diego e Juliano, tem-se a percepção do que ocorria com essa arte anteriormente na cidade. O grafite em Passo Fundo/RS passou de marginalizado à arte aceita e uma forma de comunicação direta com o público transeunte dos espaços públicos.

Tendo essa premissa como base, percebe-se que o grafite, segundo afirmação supracitada por Gonçalves (2014, p.25), "como conhecemos hoje, surge, portanto, a partir da escrita e ainda é fortemente conhecido por expressar crítica e insatisfação social" e que ao realizar essa manifestação está comunicando, diretamente, à população. Conforme percebe-se na imagem a seguir:

Figura 22. Mensagem irônica para os transeuntes.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

O grafite em Passo Fundo/RS, conforme já relatado, não difere, em termos técnicos e estéticos, de qualquer outro lugar do mundo, porém, por ser uma cidade situada no interior do Rio Grande do Sul, o acesso à informação e materiais de qualidade sempre foi mais difícil do que em outros locais mais propensos a este tipo de manifestação artístico-comunicacional.

Conforme documentos recolhidos de jornais da cidade (anexos C e D), o grafite em Passo Fundo/RS tem forte ligação com a comunicação e embelezamento de lugares, muitas vezes, inóspitos e de difícil ligação com arte no geral. Tendo este documento como base, Campos (2011) diz que:

> É na mesma rua escura por onde desfilam prostitutas e viciados que se encontra a galeria de arte mais insólita de Passo Fundo. Antro, reduto, submundo. Uma das mais perigosas do centro da cidade. Cravejada de feridas dos que recorrem a ela como última opção, é observada com receio pelos rostos emoldurados nas janelas dos ônibus que chegam e partem da rodoviária sem conseguir enxergar direito o que dizem seus muros sufocados. O contraste das cores dos desenhos em meio ao cinza do concreto - e da calçada, dos prédios, do asfalto, das roupas, da pele, dos ossos... - é tanto que não deixa ver. A essa altura, as figuras estrategicamente tatuadas nessas paredes sem dono acabam se transformando na única e mais legítima forma de arte para quem sabe que na vida tem que haver algo além de dor. (CAMPOS, 2011, p.12-13).

O grafite passofundense, desde seu início até os dias de hoje, sofre com a falta de recursos, apoio e patrocínio, mas os artistas inseridos neste meio continuam realizando seus trabalhos, independentemente da situação. Trabalhar com arte sempre foi tarefa árdua, conforme Campos (2011), "se a arte tradicional já é um meio difícil, a arte marginal em que se encontra o *graffiti* é um constante exercício de luta e subversão".

Atualmente, o grafite na cidade obteve mais espaço, seja em locais públicos ou privados. Apesar de os antigos atuantes desta arte não estarem mais agindo ativamente, novos artistas surgiram para continuar. Segundo matéria publicada no jornal Diário da Manhã (2010), o grupo *Tag Ville Crew*, com cerca de 10 integrantes foram os responsáveis pelas pinturas na rua Ângelo Preto (vide anexo F).

O grupo de grafiteiros do Tag Ville Crew continuam realizando seus trabalhos pelas ruas da cidade, conforme afirma Tainara Scalco (2015):

> É impossível não perceber os tons alegres sobre os muros da Praça Tochetto, no centro de Passo Fundo. A estética do local mudou depois da criatividade dos jovens do TagVilleCrew, um grupo de apaixonados por grafite que dão colorido aos locais públicos da cidade com traços marcantes de significados distintos. [...] O viaduto da Avenida Rio Grande, no bairro Vera Cruz, não passa mais despercebido por motoristas, pedestres e moradores das redondezas. Os desenhos nas paredes harmonizam o local (SCALCO, 2015, p.22)

Ainda, de acordo com Scalco (2015), "o grupo de grafiteiros já coloriu dezenas de espaços na cidade. A estimativa é de que foram produzidos mais de 300 desenhos em locais públicos ou privados".

Percebe-se, então, que o grafite em Passo Fundo/RS está presente no que diz respeito à questão midiática, tanto quanto está inserido no meio artístico e comunicacional passofundense. Esta manifestação artística se tornou peça fundamental da arte, expressão e comunicação na cidade.

4. METODOLOGIA

Segundo Lakatos e Marconi (2007) a utilização de métodos científicos não é exclusiva da ciência, sendo possível usá-los para a resolução de problemas do cotidiano. Destacam, porém, que não há ciência sem o emprego de métodos científicos.

O presente trabalho foi elaborado através de uma pesquisa exploratória que, conforme afirma Gil (2008), baseia-se em levantamento bibliográfico e documental para elucidar opiniões. Ainda, segundo o autor, este tipo de pesquisa "têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores [...]" (GIL, 2008, p.27).

Para a pesquisa, utilizou-se acervo bibliográfico, trabalhos acadêmicos, artigos, documentos de mídia impressa local, além de dados coletados de uma conversa informal com dois pioneiros do grafite na cidade de Passo Fundo/RS. Segundo Gil (2008, p.27), "esse tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis".

Além dos métodos supracitados, utilizar-se-á a análise de conteúdo com enfoque qualitativo nos dados coletados em conversa informal com dois pioneiros do grafite na cidade, os quais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido afirmando estarem cientes de que as informações disponibilizadas são para uso acadêmico e sem ônus, permitindo ainda, que o presente trabalho seja divulgado em revistas científicas e demais mídias.

Conforme afirma Franco, "o ponto de partida da análise de conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita, gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada)." (2008, p.12).

Ainda, conforme cita Moraes (1999), a análise de conteúdo:

> [...] faz parte de uma busca teórica e prática, com um significado especial no campo das investigações sociais. Constitui-se em bem mais do que uma simples técnica de análise de dados, representando uma abordagem metodológica com características e possibilidades próprias. (MORAES, 1999, p.7)

Segundo Van Lier, utilizar um único esquema de observação é em parte ineficiente, pois para ele é de extrema importância a utilização de variadas ferramentas, tais como questionários, conversas informais, notas de campo, entrevistas e observações. Portanto, a utilização dos dados obtidos através das conversas informais supracitadas, será de suma importância para a concretização deste trabalho de conclusão de curso (1988, p.54).

Apesar das conversas informais não serem consideradas, oficialmente, um método de pesquisa, Rocha (2005, p.345) cita SILVA (2004), ao afirmar que:

> Apesar das críticas que se referem essencialmente à sua fragilidade metodológica ao ponto de não serem consideradas como 'método', as conversas informais podem até levar vantagem sobre outros métodos mais estruturados desde que elas próprias sejam também alvo de uma atenção especial do investigador no que respeita à preparação, à oportunidade de inclusão na interacção, à definição dos tópicos e objectivos, à condução natural, à consciência da sua função na investigação, pois elas são adequadas para desenvolver aspectos tratados ou referidos em entrevistas ou inquéritos, para conhecer melhor os sujeitos investigados ou para chegar a uma maior familiarização com os aspectos socioculturais específicos do contexto estudado (ROCHA apud SILVA, 2004, p.317).

Reiterando a importância das conversas informais, o item a seguir será a análise de dados adquiridos pelas mesmas e também de dados coletados através dos demais métodos científicos acima citados.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Como já afirmado, o grafite é uma arte que, apesar de estar inserida no âmbito marginal, também faz parte do campo da Cultura Popular. Logo, quando se trata de Cultura Popular, tem-se a ideia de povo, ou seja, cultura do povo para o povo.

Trazendo novamente a premissa de que a ideia de cultura existe desde o surgimento do homem, pois se trata de hábitos e manifestações criados por pessoas, sobretudo, um conjunto de indivíduos que convivem no mesmo território, a cultura popular, não só está diretamente ligada aos movimentos e expressões populares, como é a ferramenta pela qual as pessoas desenvolvem e agem em conjunto.

Reiterando a ideia do grafite como arte, percebe-se que o mesmo encontra-se dentro da cultura popular por se tratar de uma forma de expressão de fácil acesso ao povo, ou seja, cria uma comunicação cultural-popular. Tal afirmação serve também para a cultura em Passo Fundo/RS, conforme pode-se perceber através da afirmação de Juliano "Marava" (informação verbal[13]):

> [...] o grafite, ele tem isso. Tu coloca algumas mensagens, o povo não dá muita bola, de repente alguém até para pra entender qual que é a ideia que o cara tá passando, o grafiteiro, ali pra população né. Hoje tu vê aí alguns grafites que o pessoal para pra tirar foto, se identifica com o desenho quando é relacionado a algum termo, sobre a água, sobre o meio ambiente, sobre a questão da mobilidade urbana, tanto da bicicleta quanto do skate, eu acho que isso interfere sim na vida de toda uma sociedade, o grafite é legal de ver (informação verbal).

O grafite em Passo Fundo/RS era mal visto e tido como marginal por algumas pessoas, por se tratar de um elemento integrante do movimento *hip-hop*, que sempre foi visto como cultura periférica. Segundo Diego, quando relata sua experiência e opinião neste aspecto,

[13] *Idem* nota 8

percebe-se que “geralmente viam assim, o pessoal que é *B.Boy*, quem é *MC*, quem é grafiteiro, quem faz parte da cultura *Hip-Hop*, ele é visto como uma pessoa marginalizada, uma pessoa periférica. As vezes pode ser uma pessoa periférica mas não ser uma pessoa marginalizada” (Informação verbal).

A partir da ideia afirmada por Diego, que vem de encontro à citação supramencionada, onde Catenacci (2001), citando Canclini (1989), ressalta que:

> [...] a história do popular sempre foi relacionada com a história dos excluídos, que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido e conservado. Por conseguinte, na maioria dos estudos feitos sobre a cultura, o avanço é considerado como promovido única e exclusivamente pelos setores hegemônicos, já que no tradicional estão arraigados os setores populares. [...]

O *hip-hop* sempre esteve envolvido com o meio cultural periférico, mas não marginal, e nem midiático conforme pode-se perceber pelas palavras de Faustino (2001) quando afirma que:

> [...] o hip hop não foi inventado pela mídia. Nasceu naturalmente, nas ruas, forjado em sangue, suor e lágrimas. Qualquer garoto ou garota que se proponha a trilhar seus caminhos conhece muito bem sua história e a de seus personagens-referência. Dos bairros periféricos norteamericanos às favelas brasileiras, foi ganhando forma e conteúdo, com o ritmo e as sonoridades que emanam das pick-ups dos DJs e das letras contundentes dos MCs, a quebradiça e envolvente dança de b.boys e b.girls e os loquazes traços multicoloridos dos grafiteiros (FAUSTINO, 2001, p.10).

Mas o que isso tem a ver com o grafite passofundense e sua relação com a folkcomunicação? Para se ter a noção da evolução do grafite em Passo Fundo/RS é necessário conhecer sua base no âmbito cultural-popular. Segundo Rocha (2009) afirma, existem

> [...] três modos de pensar a cultura como arte: arte do povo como equivalente do folclore; a arte popular como aquela relacionada à indústria cultural e característica dos meios urbanos; e, por fim, a arte popular revolucionária como sendo a arte produzida

> pelos intelectuais e artistas com o propósito de produzir a consciência de classe e, por conseguinte, a transformação da realidade social.

Utilizando a ideia de arte do povo como equivalente do folclore, pode-se perceber a estreita ligação do grafite com a cultura popular e esta com a folkcomunicação, que, segundo Beltrão (2001, p.8 - 73) é "o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes da massa, através dos agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore". Completando os estudos de Beltrão, segundo afirmam Sousa e Pedrosa (2012), percebe-se, na

> [...] visão de Hohlfeldt, o conceito anteriormente definido por Beltrãovai ficar mais complexo com a incorporação de outros elementos como a comunicação massificada e a industrialização, que vão influenciar a convivência e a socialização com outras cadeias comunicacionais. (SOUSA e PEDROSA, 2012, p.85)

Logo, o grafite passofundense, une-se ao fato comunicacional ao realizar a interação com transeuntes e expondo mensagens em locais públicos, criando assim uma comunicação massificada e ao mesmo tempo popular, ou seja, folkcomunicação.

Conceitualmente, o grafite não está diretamente inserido na folkcomunicação, porém, segundo Souza e Mello (2007) afirmam, "a leitura brasileira do grafite apresenta um resultado híbrido, que mescla elementos franceses e norte-americanos, dada a utilização simultânea defrases e ilustrações, resultando em palavras sofisticadas graficamente" (2007, p. 197).

As autoras continuam e afirmam que:

> O paralelo com o grafite, portanto, é factível, visto que sua organicidade é composta por elementos vocabulares e gráficos. Com seu advento, a palavra habita outros espaços, explora novas possibilidades estéticas e cria não somente um paradigma artístico como embasa novos processos de comunicação. Estas dinâmicas de troca ocorrem, pela própria natureza desta forma de expressão, no espaço urbano. A cidade, como campo de ação e arena de embates sociais, caracteriza-se como o tecido mais receptivo às palavras e imagens dos diversos grupos que habitam a urbe, uma vez que o grafite deriva justamente do choque, da contradição. A cidade, como epiderme dos jogos de forças contrárias, está permanente exposta à intervenção comunicacional. E o grafite ocupa este espaço (SOUZA e MELLO, 2007, p. 197).

O grafite está, portanto, sendo introduzido na comunicação através de suas vertentes artístico-culturais e de expressão. Logo, esta arte faz parte da folkcomunicação.

Em Passo Fundo/RS, o grafite mantém a relação folkcomunicacional, e pode-se perceber que, segundo Juliano "Marava", o grafite "é um instrumento importante, tanto no movimento *Hip-Hop* quanto um elemento de comunicação", ou seja, ele toma uma outra proporção, "o grafite já veio mais pra ter essa pegada em relação a cidade né, veio pra dar uma embelezada onde antes tu via muita pichação". Afirmações estas que vão de encontro à de Souza e Mello (2007) quando citam Lefebvre (1969):

> Desta forma, a cidade é obra a ser associadamais com a obra de arte do que com o simples produto material. Se há uma produção dacidade e das relações sociais na cidade, é umaprodução e reprodução de seres humanos porseres humanos, mais do que uma produção deobjetos. A cidade tem uma história; isto é, depessoas e de grupos bem determinados querealizam essa obra nas condições históricas. As condições quesimultaneamente permiteme limitam as potencialidades, não sãosuficientes paraexplicar aquilo que nasce dela, nela, através dela. (LEFEBVRE, 1969, p. 48).

O grafite tem ligação direta com a cidade na qual está agindo. Os grafiteiros criam e emitem a mensagem que é entregue aos receptores, de maneira que esta aja fazendo com que os receptores percebam a dialética ali imposta, independente se ela for escrita ou visual, ou seja, "a dialética estabelece-sede forma produtiva pela complementaridadematerial entre humano e urbano" mantendo essa relação entre o grafite inserido no ambiente urbano e as pessoas que o absorvem. (SOUZA e MELLO, 2007, p. 197).

O grafite em Passo Fundo/RS é, portanto, um processo folkcomunicacional urbano. Para um maior entendimento de como se dá essa cadeia comunicacional, Souza e Mello (2007) delegam as funções dos elementos fundamentais de comunicação, nas quais:

> [...] o grafiteiro seria o emissor, a mensagem seria o desenho, o código seria a categoria escolhida (letras desenhadas, stêncil, etc.), a parede o canal e os vários indivíduos que compõem a sociedade, os receptores. Teoricamente, esss manifestações foram classificadas como oriundas de grupos marginais, folclóricos. Entretanto, hoje podemos encontrar obras de grafite expostas em galerias ou mesmo como adereço nas paredes de

> um edifício público ou comercial. O grafite ainda é uma intervenção; o que houve foi uma aceitação pela sociedade como um movimento de arte contemporânea. (SOUZA e MELLO, 2007 p. 198).

O grafite de Passo Fundo/RS obteve grande crescimento e aceitação perante a população da cidade por ter sua beleza estética e sua boa utilização nos espaços públicos. Ele além de ser um elemento fundamental do *hip-hop* que está inserido na cultura popular, também é um processo comunicacional, ou melhor, folkcomunicacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa possui, como objetivo principal, relacionar o modelo folkcomunicacional de Beltrão (2001), o qual mostra a folkcomunicação como um modelo de comunicação em nível popular, àquele relacionado ao povo, uma vez que não se utiliza de meios formais de comunicação, com o grafite de Passo Fundo/RS.

Demonstrando importantes contribuições sobre o grafite passofundense, tal como sua relação entre os artistas e a população, o estudo reproduz a constante evolução e aceitação desta arte, resultando na ocupação de seu devido espaço como arte e comunicação dentro do âmbito urbano e acadêmico na cidade de Passo Fundo/RS.

O grafite passofundense, desde seu início até os dias de hoje, sofre com a falta de recursos, apoio e patrocínio, mas os artistas inseridos neste meio continuam realizando seus trabalhos, independentemente da situação. Trabalhar com arte sempre foi tarefa árdua, conforme Campos (2011), "se a arte tradicional já é um meio difícil, a arte marginal em que se encontra o *graffiti* é um constante exercício de luta e subversão".

Quando se fala do grafite, deve-se relacioná-lo à arte urbana, ou seja, inserido no meio urbano. Pode-se perceber que esta arte em Passo Fundo/RS, tornou-se parte integrante da cidade, assim como demais obras públicas. Relacionado a isso, tem-se a ideia de povo, logo, se os atuantes desta arte são moradores da cidade, ela é feita do povo para o povo, remetendo a ideia de cultura popular.

A cultura popular teve um papel importante no desenvolvimento do trabalho, pois além de criar o elo entre a folkcomunicação e o grafite, trouxe a ideia dos movimentos culturais e de expressão.

A folkcomunicação trata destes assuntos diretamente, pois age com foco nas questões populares, culturais, folclóricas e marginais, permitindo, assim, criar a relação entre o grafite passofundense, que por muito tempo fora tido como uma forma de expressão artística marginal e a cultura popular oriunda da periferia.

Todos os dados coletados através de pesquisa bibliográfica, de informações retiradas de conversas informais com pioneiros da arte do grafite em Passo Fundo/RS, elementos e matérias

oriundas da mídia local e de arquivos pessoais do autor, permitiram a abrangência de um assunto não tratado antes, abrindo espaço para uma continuação da pesquisa.

Sugere-se que esta pesquisa não seja finalizada no presente momento, mas sim utilizada como estado da arte e fundamentação para futuros trabalhos, incluindo pesquisas de campo e entrevistas estruturadas para uma maior amplitude dos conhecimentos que aqui já constam. Propõe-se uma continuação desta pesquisa pela importância que o assunto obteve, recomenda-se, portanto, uma análise semiótica dos grafites realizados na cidade, afim de que se obtenham as informações necessárias para um melhor entendimento do processo (folk) comunicacional exercido por eles.

O presente estudo visa contribuir no sentido de disponibilizar, em um único produto, informações históricas e técnicas, além de uma unificação de documentos essenciais para o entendimento do grafite em Passo Fundo/RS e da relação do mesmo com a comunicação na cidade. Porém, o resultado da presente pesquisa não deve ser finalizado, pois há uma série de fatores (que não entravam para o objeto de pesquisa) que devem ser analisados e registrados para uma melhor compreensão dos processos comunicacionais exercidos pelo grafite em Passo Fundo/RS.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Erick de; RIZOLLI, Marcos. *Arte e Comunicação*: como os artistas se comunicam com a cidade contemporânea?. III Conferência Brasileira de Estudos de Comunicação e Mercado. 2013. UNASP. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/ecom2013/GT5/13.Arte%20e%20Comunica%C3%A7%C3%A3o_Marcelo%20e%20Marcos.pdf>. Acesso em: 15 out. 2014.

BAUDRILLARD, Jean. *KoolKiller ou A Insurreição Pelos Signos*. Revista Cine Olho nº 5/6 jun/jul/ago1979.

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação*: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BRASIL. *Código Civil*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12408.htm>. Acesso em: 28 de set. 2014.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Infográfico*: Dados gerais do município de Passo Fundo. Disponível em: <http://ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?lang=_PT&codmun=431410&search=rio-grande-do-sul|passo-fundo|infograficos:-dados-gerais-do-municipio>. Acesso em: 05 mai. 2015.

CAMPOS, Marina de. Na rua: A história por trás das muralhas grafitadas da rua Ângelo Preto. *O Nacional*, Passo Fundo, 12 e 13 mar. 2011.

CAMPOS, Ricardo.*Pintando a cidade. Uma abordagem antropológica ao grafite urbano*, tese de Doutoramento na especialidade de Antropologia Visual. Lisboa: Universidade Aberta, 2007.

CATENACCI, Vivian. *Cultura Popular:* entre a tradição e a transformação. Revista São Paulo Em Perspectiva, 15(2) 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n2/8574.pdf>. Acesso em: 05 maio 2015.

FERREIRA, Maria Alice. *Arte Urbana no Brasil:* expressões da diversidade contemporânea. VIII Encontro Nacional de História da Mídia – UNICENTRO/PR, 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011-1/artigos/Arte%20Urbana%20no%20Brasil%20expressoes%20da%20diversidade%20contemporanea.pdf/view>. Acesso em 22 de out. 2014.

FRANCO, Maria L. *Análise de conteúdo*. Brasília, 3ª edição: Liber Livro Editora, 2008.

GANZ, Nicholas. *O Mundo do Grafite*: Arte urbana dos cinco continentes. 1 ed. Tradução. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 2008.

GITAHY, Celso. *O que é grafite*. 1. ed. 2. reimp. São Paulo: Brasiliense, 1999.

GRAFFITI em prol da comunidade. Diário da manhã, Passo Fundo, 09 jun. 2010.

HOHLFELDT, Antônio, et al. *Teorias da comunicação*: conceitos, escolas e tendências. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Fundamentos de metodologia científica*. 6. ed.5. reimp. São Paulo: Atlas, 2007.

MORAES, Roque. *Análise de conteúdo*. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

RETT, L.; CORNIANI, F. R..*Grafite em Natal,RN:* Um enfoque comunicacional da arte urbana na rua. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM – 4 a 7/9/2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/r8-1170-1.pdf>. Acesso em: 22 out. 2014.

ROCHA, Gilmar. *Cultura Popular:* do folclore ao patrimônio. Universidade Estadual de Londrina: 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/download/3358/2741>. Acesso em: 05 maio de 2015.

ROCHA, Maria Custódia Jorge da.*Educação, Género e Poder*: Uma Abordagem Política, Sociológica e Organizacional. 2005. Tese de doutorado – Universidade do Minho, Braga/PRT, 2005.

SALLES, Ecio de. *A narrativa insurgente do hip-hop*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília: 2004. Disponível em: < http://www.gelbc.com.br/pdf_revista/2406.pdf>. Acesso em: 05 maio 2015.

SCALCO, Tainara. Cor no cinza: Grupo de grafiteiros contorna com traços artísticos espaços públicos de Passo Fundo. *Versa Magazine*, Passo Fundo, ano 5, n. 30, p. 22-23, fev./mar. 2015.

SERPA, Angelo. O espaço público na cidade contemporânea. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Contexto, 2 reimpressão, 2011. SOARES, Thiago Nunes. Escritas subversivas: dimensões históricas, sociais e simbólicas dos grafites e pichações nos espaços públicos. Colóquio de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 3 a 5 de outubro de 2007.

SOUSA, Alênicon Pereira de; PEDROSA, Ana Paula da C. Amorim. *O Paradigma da Folkcomunicação:* Estudo de caso à luz da teoria de Beltrão, Trigueiro e Hohlfeldt.AnuárioUnesco/Metodista de Comunicação Regional, Ano 16 n.16, p. 79-87 jan/dez. 2012. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/AUM/article/viewFile/4715/4102>.

SOUZA, Taís Rios Salomão de; MELLO, Lílian de Jesus Assumpção. *O Folk virou Cult*: o grafite como veículo de comunicação. Revista de Estudos da Comunicação. v. 8, n. 17, p. 195-202.set./dez. 2007. Curitiba/PR.

VIANNA, Hermano. Central da periferia – texto de divulgação. Publicado pela TV Globo como anúncio em vários jornais brasileiros, 2006. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/banco/central-da-periferia-texto-de-divulgacao> Acessado em 05 de maio de 2015.

VAN LIER, L. *Ethnography*: bandaid, bandwagon, or contraband? In: BRUMFIT, C.; MITCHEL, R. (Ed.). Research in the language classroom.Exmouth: Modern English, The British Council, 1989. p. 33-53.

VAZ, Tamiris; OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. *Pichação = Educação = Arte:* Contradição? Artigo para o XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012. Disponível em: <http://www.infoteca.inf.br/endipe/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acervo/docs/1732p.pdf> Acesso em: 19 de maio de 2015.

APÊNDICE A – Conversa Informal 01 – Diego Pereira

Em uma conversa informal com dois pioneiros do grafite em Passo Fundo, fez-se possível esta coleta de informações. Tendo como primeiro entrevistado, Diego Pereira, hoje tatuador na empresa "Diego Tattoo e Piercing" e o segundo sendo o Juliano LuisCrivello de Oliveira, vulgo "Marava".

Abaixo segue a conversa com Diego na íntegra:

Interlocutor - Como funcionava o grafite antigamente, como vocês faziam?

Diego - Em primeiro lugar na época era muito "picho" e naquela época o pessoal via até o grafite, o desenho em si, tudo como picho em geral. Justo por causa que faziam muito bomb né, direto era feito muito bomb e não tinha crew, não tinha muito crew porque era tudo muito, o spray em si, naquele tempo, aqui, mais no interior do Rio Grande do Sul, ele era spray mais pra pintura mesmo, não tinha spray com capzinho pra ti fazer um, seguir um traço mais bonito, pra ti fazer um desenho mesmo, fazer uma arte mesmo. Então mais, era mais rolinho, mais na base do rolinho mesmo que era feito os desenhos e não tinha crew, tinha um pessoalzinho tipo amigos, grupo de amigos, mas não chegava a se tornar uma crew em si, sair pra realizar trabalho em si assim.

Interlocutor - Não tinha aquela organização da crew assim?

Diego - Não, não tinha e que nem eu falei né, mais era amigos. Os que mais faziam grafite na época, não sei se posso citar nome né.

Interlocutor - Pode sim.

Diego - Mas, era o Rodrigo "Negão", que era o que mais fazia grafite comigo, que ele tem um estilo legalzinho, sempre gostei do estilo dele, é um estilo próprio dele mesmo, é uma mistura de wild, enfim. O Jay, e é, o Jay, mais era esse pessoal que fazia grafite aqui.

Interlocutor - Eram vocês três no caso?

Diego - É, era nós três, mais que faziam. Tinha o Porto Alegre, mas não sei. Ele surgiu uma época ali, uns meses, depois nunca mais vi ele também.

Interlocutor - Sumiu assim?

Diego - Sumiu. Mas mais era esse pessoal assim, eu sempre curti fazer mais trabalho com wild também né, eu sempre gostei de trabalhar com flecha, ponta, escrita que realmente não dê pra entender nada que tá escrito.

Interlocutor - Que daí fica bem ilegível né?

Diego - É, bem ilegível, sempre gostei de trabalhar assim. O Rodrigo "Negão" não, ele já gostava de bastante cor e letras um estilo wild mas com as letras bem legíveis pra ver bem o que tá escrito mesmo né. Eu já não, eu era outro... Mas era bem complicado aquele tempo, bem complicado. Não conseguia cap, não conseguia um spray bom, não conseguia uma tinta boa, não conseguia patrocínio, não conseguia formar uma crew. O pessoal não levava a sério, era complicado.

Interlocutor - O pessoal de fora aceitava tranquilo quando fazia algum evento, quando rolava algum espaço?

Diego - Não rolava muito, difícil rolar. O Marava no tempo era o cara assim, que corria bastante com a prefeitura, daí ele conseguia bastante liberação. Porque naquela época lá tu tava parado fazendo qualquer desenho numa parede, por mais que seja uma arte ou um desenho, por mais que tu tenha consentimento de que, digamos, fosse numa casa pessoal, casa particular, um muro particular de uma pessoa e fosse fazer, passava uma viatura e na mesma hora já queriam enquadrar né. Por que, ah, tá fazendo picho. Não viam como arte do grafite, como uma arte em geral né. Então o Marava era um cara que corria atrás, na prefeitura, ele e o... esqueci o nome, mas enfim, o Marava corria bastante e conseguia liberação, conseguia a liberação da prefeitura

pra fazer tipo em praças públicas, como a praça Tochetto hoje é bem utilizada né. Já foi feito e refeito várias vezes grafite ali né.

Interlocutor - E o pessoal que faz, tu tem contato com eles ainda?

Diego - O Rodrigo "Negão" as vezes eu vejo ele, o Porto Alegre não vejo mais, o James faz uma cara que eu também não vejo. Era mais esse pessoal, mas o Rodrigo "Negão" eu vejo ele de vez em quando.

Interlocutor - Ele tá aqui em Passo Fundo ainda?

Diego - Tá em Passo Fundo ainda, também não grafita mais, faz anos que ele tá... O pessoal daquela época nenhum seguiu na verdade né. Eu ainda puxei mais pra arte por causa das tatuagens, mas o pessoal não tem nada a ver mais com a arte.

Interlocutor - O grafite ele fez bastante parte da vida de vocês, mudou bastante coisa na situação?

Diego - Sim, eu pra mim, eu e o Rodrigo "Negão" também é um cara, porque assim, o Rodrigo Negão ele é um cara que também puxou a parte da tatuagem e nós já fazia a arte, já gostava do grafite, porque nós gostava do desenho. Muitos entraram por modinha né, achava legal fazer e enfim. Chegar num evento de *hip-hop* e não era MC, não era B.Boy, pelo menos um grafite porque saber desenhar, o pessoal geralmente tem uma base, ou fazer um nome, enfim. Então tinha vários que não era pela arte em si e nós não, eu e o Rodrigo "Negão" em especial, nós sempre gostamos de desenhar, gostar de desenho em geral, seja qual for o estilo, então nós é um caso a parte nós dois né. O outro pessoal já não era muito pelo desenho não.

Interlocutor - Eram mais pelas letras. Gostavam mais de letras então?

Diego - É... expressão, moda, enfim.

Interlocutor - E tu acha que ele fazia bastante parte da expressão de Passo Fundo na época ou era bem marginalizado?

Diego - Era bem marginalizado. O último grafite nosso, que daí foi quando nós começamos a fazer... que daí foi a finaleira ali na verdade, foi o último. Foi quando foi bem visto, foi o último trabalho que nós fizemos, que foi justo aqui na Tochetto, mas a gente passou em várias escolas nesse tempo, que foi quando teve o Nação *Hip-Hop* Brasil, foi logo quando foi fundado a Nação *Hip-Hop* Brasil, então, eu fazia parte do Nação *Hip-Hop*, tanto portoalegrense quanto aqui, passofundense eu fazia parte dos dois. Eu era, eu acho, que o único dos grafiteiros que fazia parte e nesse tramite eu, como também sempre fui... souB.Boy e dava aula em escolas por um projeto da prefeitura. Até não sei, deve ter esse projeto , ainda acho que existe. Então eu dava aula de dança e como, geralmente nós íamos fazer esse evento de dança, a gente buscava trazer junto também o MC e o grafite. Grafite sempre estava junto, nós sempre tentamos englobar ele, então começou a ser bem visto porque crianças viam que a arte do grafite, não o picho, via a arte do grafite, via o pessoal trabalhador, não via aquele pessoal, porque geralmente viam assim, o pessoal que é B.Boy, quem é MC, quem é grafiteiro, quem faz parte da cultura *Hip-Hop*, ele é visto como uma pessoa marginalizada, uma pessoa periférica. As vezes pode ser uma pessoa periférica mas não ser uma pessoa marginalizada. Ou nem ser.

Diego - E nesse final desse período nosso, já tinha esses eventos, até a Jornada de Literatura. Nós fizemos a Jornada de Literatura, daí teve um pessoal que chegou, um outro pessoal que chegou também que, daí já foi bem no final, que daí foi o Perereca que entrou no final e o Rafael, que foi bem na finaleira que daí eles começaram a entrar, daí até na verdade, nessa vez eu não fiz grafite, eu fui pra ir de B.Boy e ele entrou fazendo o grafite, ele e o Perereca. E depois disso nós fizemos o último grafite da Praça Tochetto e depois disso, ali foi o último na verdade, o último trabalho que nós fizemos na época ali.

Interlocutor - Ali foi a saideira de vocês?

Diego - A nossa saída foi ali.

Interlocutor - Tu acha que hoje em dia o grafite faz parte da Cultura Popular?

Diego - Totalmente. Hoje em dia eu não sei bem porque eu nunca mais fui especificamente comprar pra fazer algum desenho, mas se tu for procurar tu já consegue uma, até a marca própria pra desenho tu já consegue mais facilmente hoje em dia. Tu consegue, se tu for atrás e pedir, tu consegue um patrocínio hoje em dia. Tem um pessoal aqui pra fazer uma fachada de uma loja, até loja chique, enfim, loja de pessoal de bom status, mas enfim, procuram as vezes uma moda urbana, uma moda street pra fazer uma fachada de uma loja. Atéparticular mesmo, o pessoal particular: Ah eu quero grafitar o quarto, eu quero grafitar o muro da minha casa, eu quero fazer a fachada. Enfim, hoje em dia, eu pelo meu ponto de vista, o que eu vejo é que é mais bem visto pela pessoa. Hoje em dia o pessoal olha e sabe quando foi feito um bomb ou quando é um picho, quando foi feito uma depredação ou quando foi feito uma arte. Coisa que não era associado. Tanto que hoje em dia tem cores, cores em degradê, tem desenhos muito mais elaborados do que antes, porque antes não tinha nem acesso à tonalidades de cores, enfim, tinha tudo que misturar ali e fazer ligeiro pra não ter problema de alguém parar numa blitz, enfim. Por mais que tu não tivesse fazendo ilegalmente, mas mesmo assim era muito incômodo. Até explicar que A não é B era complicado.

APÊNDICE B – Conversa Informal 02 – Juliano LuisCrivellode Oliveira “Marava”.

Em uma conversa informal com dois pioneiros do grafite em Passo Fundo, fez-se possível esta coleta de informações. Tendo como primeiro entrevistado, Diego Pereira, hoje tatuador na empresa “Diego Tattoo e Piercing” e o segundo sendo o Juliano Luis Crivello de Oliveira, vulgo “Marava”.

Abaixo segue a conversa com Juliano na íntegra:

Interlocutor - Como que foi o grafite antigamente?

Juliano - Aqui em Passo Fundo eu vejo que o grafite ele surgiu meio que... O primeiro contato que eu tive com arte em grafite, foi na escola Mário Quintana, aonde eu estudava e tinha uma galera lá que dançava Funk, galera dançava Funk e eles dançavam no concreto mesmo da escola, na quadra e lá eles faziam as artes deles com 3 ou 4 pincéis e uns rolinhos de tinta e uns PVA branco lá e umas coloridas. Eles faziam mais logo de marca de tênis, vamos supor, M2000, Alternative, HangLoose, marca de camiseta e de tênis e eles faziam no concreto da escola e até que um dia um deles, desses próprios amigos, que dançavam Funk e Rap, eram uns B.Boys lá, tinha dois, era o Guedi, até hoje ele é músico né, o Guedi do Bandolim e o Jeferson, eles dançavam e faziam os primeiros grafites na escola cara, o primeiro grafite que eu vi foi na escola Mário Quintana e depois com o passar do tempo eu comecei a participar de algumas oficinas e buscar informação em revistas, jornais, participar de oficina e em workshops em eventos que eu ia e comecei a tomar gosto e comprar revista e a partir dali eu comecei a gostar e procurei multiplicar um pouco do que eu sei. Hoje visito as escolas e tá sendo bacana.

Interlocutor - O grafite mudou alguma coisa na tua vida? Te abriu portas?

Juliano - O grafite é importante, é um instrumento importante, tanto no movimento *Hip-Hop* quanto um elemento de comunicação né. Hoje o grafite, ele tá visto de outra maneira. Tu vê hoje normalmente uma pichação em alguns espaços públicos né, que o grafite toma uma outra proporção, o grafite já veio mais pra ter essa pegada em relação a cidade né, veio pra dar uma

embelezada onde antes tu via muita pichação. Então hoje tu já começa a ver o grafite mais distribuído em alguns espaços dentro da cidade aí nos principais muros né. E é legal de ver isso com a nova geração hoje, porque tu vê bem como é que os mais velhos faziam e como é que os mais novos, hoje o pessoal da nova geração tá ocupando muito mais o espaço, tá colocando muito mais cores que até então, antes não tinha acesso. Isso que é o bacana, saber que essa geração vai dar muitos frutos e fico feliz por eles darem continuidade numa arte tão desvalorizada e a própria mídia diz que é uma coisa marginalizada e eu vejo de outra forma, o grafite é, nada mais, nada menos que arte pura, contemporânea, que tem fusão com vários outros elementos. Grafite é vida, é estilo de vida, é comportamento, grafite é atitude.

Interlocutor - Tu acha que ele comunica com a população? É uma forma de expressão?

Juliano - Sim, o grafite, ele tem isso. Tu coloca algumas mensagens, o povo não dá muita bola, de repente alguém até para pra entender qual que é a ideia que o cara tá passando, o grafiteiro, ali pra população né. Hoje tu vê aí alguns grafites que o pessoal para pra tirar foto, se identifica com o desenho quando é relacionado a algum termo, sobre a água, sobre o meio ambiente, sobre a questão da mobilidade urbana, tanto da bicicleta quanto do skate, eu acho que isso interfere sim na vida de toda uma sociedade, o grafite é legal de ver. Saber que tu tá passando por algum determinado espaço e alguém tá parado olhando teu trabalho e tu nem sabe né. Isso é bacana.

Interlocutor - Me fala um pouco sobre o grafite antigamente. Quem eram os atuantes na época que tu começou?

Juliano - Grafiteiro tinha o Diego, hoje ele é tatuador. Tinha o Marcelinho que era de Porto Alegre e veio pra Passo Fundo. Tinha Jay San, MC e Rapper. Tinha o pessoal da Santa Marta que eu esqueço o nome, mas uma galera bacana. Tinha o Parente também, liderança, hoje ele mora em Erechim, que fazia uns trabalhos, uns corre com nós. Eram poucos contatos que a gente tinha, mas era uma galera assim que não tinha muito recurso mas ainda fazia os seus trabalhos, fazia mais grafite em letra, não tinha muito essa questão do desenho, do busto em si, do rosto né. O pessoal trabalhava mais em letra e com bastante, essa questão dos estilos né, o pessoal trabalhava mais o piece, mais o throwup, hoje tu ve o desenho mais artístico mesmo e tá sendo legal cara,

saber que tudo o que a gente aprendeu lá atrás e vem vivenciando. Passo Fundo tá ficando legal, só o que falta mesmo é espaço real né, que tem essa questão aí do grafite e da pichação que a gente tem que pedir espaço pros proprietários pra gente tá fazendo essa intervenção no muro e no mais é tudo isso né. E dizer bem claro né, eu acho que a pichação, ela tem um tom contra-cultural sim, mas a gente não quer viver só da pichação, a gente tem que ocupar o espaço que é da arte, que é do grafite. Eu acho que é por aí.

Interlocutor - Qual tua posição sobre a questão do grafite ser marginalizado?

Juliano - O grafite é mal entendido, ele tá sendo visto pelas pessoas como de uma pessoa desocupada, justamente quando fala marginalizada, que é o pessoal que não tem nada pra fazer e vai usar os muros pra transpor alguma coisa, sua indignação, a sua revolta e usa o grafite como esse meio, mas eu não vejo o grafite dessa forma, como marginal. Eu vejo o grafite como uma expressão de juventude né, que tem os seus anseios, suas vontades, suas angústias mas passa muita verdade. [...] O mesmo movimento que tem o pessoal das plaquinhas urbanas ali: “Menos carro, mais bike”. Eu acho legal isso quando eles também fazem essas placas com grafite, mas é legal cara, saber que o grafite tá ocupando seu espaço, não é marginal não, ele vem de uma juventude de gueto sim, mas ele tá hoje no meio da faculdade, tá no meio urbano, tá dentro de galeria e isso que é o mais bacana, ocupando seu devido espaço.

Interlocutor - Em relação acrew, como é tua relação com isso?

Juliano - O nome que a gente tinha de uma crew, no início era eu e o Rafael, a gente tinha uma crew que se chamava La MafiaCrew, com o passar do tempo cada um foi pro seu lado, continuando suas atividades, ele mais pro lado das suas pinturas profissionais, também oficineiro, eu também com meu lado mais voltado ao meu trampo paralelo, mas nunca deixando de fazer minhas atividades, quando posso convido, meu amigo e os outros também, mas hoje estou trabalhando sozinho. [...]Estamos fazendo várias atuações em escolas e tá dando um suporte legal aí pra gente dar continuidade no que a gente mais gosta de fazer, levar informação pra juventude e colocar o grafite como um instrumento de transformação social e pessoal de cada um.

ANEXO A – Recorte de Jornal 01.

ANEXO B – Recorte de Jornal 02.

ANEXO C – Recorte de Jornal 03.

segundo STANDARD

Na rua

A história por trás das **muralhas grafitadas** da rua *Ângelo Preto*

Marina de Campos

É na mesma rua escura por onde desfilam prostitutas e viciados que se encontra a galeria de arte mais insólita de Passo Fundo. Antro, reduto, submundo. Uma das mais perigosas do centro da cidade. Cravejada de feridas dos que recorrem a ela como última opção, é observada com receio pelos rostos emoldurados nas janelas dos ônibus que chegam e partem da rodoviária sem conseguir enxergar direito o que dizem seus muros sufocados. O contraste das cores dos desenhos em meio ao cinza do concreto - e da calçada, dos prédios, do asfalto, das roupas, da pele, dos ossos... - é tanto que não deixa ver. A essa altura, as figuras estrategicamente tatuadas nessas

"A polícia é uma de dia e outra de noite. Os que elogiam à tarde são também os que xingam e rotulam de vândalo durante a noite". Sem questionar a função de evitar pichações, ele se pergunta até quando sua arte vai ser pré-julgada e confundida pela polícia e por parte da sociedade que parece não compreender. Aos que se perguntarem, o caso chegou até o fórum, mas o processo foi arquivado... por falta de acusação.

Nascido e criado na Vila Luiza, sempre se identificou mais com o hip hop do que com as pinturas caras dos museus. Bem antes da polícia, quem primeiro lhe recriminou foi a mãe, que uma noite o viu chegar em casa tentando esconder as latas de spray e de imediato o repreendeu. "Eu sei o que

Talvez, se fossem mais baratas e não necessitasse de tantas cores para chegar aos desenhos que faz, Iuri já teria coberto a cidade inteira com seus homens e animais alucinados, peixes linguarudos, macacos-polvo, coelhos raivosos, seres com membros de cogumelo, ovelhas ingênuas, demônios politizados, rappers coroados e grafiteiros insistentes. "Pois hip hop é sinônimo de resistência, entende", diz Fanho, seu amigo b-boy.

É verdade. Se a arte tradicional já é um meio difícil, a arte marginal em que se encontra localizado o graffiti é um constante exercício de luta e subversão. Sem recursos, sem apoio, sem aprovação, sem tinta a óleo, sem tela pra pintar, o

Aviso

Em meio aos desenhos, um pedido irônico em pleno muro de uma da ruas mais perigosas do centro da cidade: "Aviso! O tiozão pediu para não assaltarem nessa rua à noite! Obrigado". Além do cômico recado, chama atenção o português correto empregado na "pichação"

Apelo

Mais adiante, o humor é substituído pela seriedade do pedido: "Por favor, não interpretem mal a minha arte! Obrigado"

ANEXO D – Recorte de Jornal 04.

se transformando na única e mais legítima forma de arte para quem sabe que na vida tem que haver algo além de dor.

Tendo como público fiel toda sorte de gente que passa pela rua Ângelo Preto para ir trabalhar ou fazer o que quer que seja, um artista sem nome registra seu talento através do grafiti. Agora tem nome: Iuri, 22 anos, responsável e culpado pelas pinturas que são ignoradas por alguns, apreciadas por outros e condenadas por quem ainda não consegue separar a arte do estigma da pichação. Desenhista desde criança, quando fazia competição com os colegas nos cadernos da escola, ele já teve a camiseta rasgada e o corpo jogado em um camburão por conta dos desenhos elaborados na calada da noite, em lugares abandonados da cidade. Como todo e qualquer dom que não se escolhe e também não pode ser evitado, Iuri desobedeceu a mãe e continuou fazendo graffiti. Logo os muros da casa e as paredes do próprio quarto estavam tomadas. Com o irmão mais novo como fiel companheiro, foi aprendendo a lidar com as tintas, sentindo a textura dos muros, adequando o desenho a cada lugar. O tempo passou e, num Dia das Mães, a homenagem foi uma radiante parede pintada. Ela cedeu, finalmente.

Sem qualquer tipo de apoio ou patrocínio, ele trabalha o dia todo em um escritório fazendo contas e requisições. "Assim que tiver dinheiro, quero fazer faculdade de publicidade". Enquanto isso não acontece, gasta o que sobra do salário nas latas de spray que custam dez reais quando são das mais comuns. qualquer momento alguém pode aparecer pra reclamar. O que "resta", na verdade, não é bem a expressão. O graffiti é o meio escolhido por Iuri para se expressar. A imagem crua, os contornos fortes, as cores exageradas, a liberdade gritante que se gruda à tinta e transforma uma rua cheia de medos e tristezas em um museu a céu aberto. As obras-primas de Iuri não têm preço. Ao longo desses anos algumas casas velhas e muros cambaleantes foram derrubados levando embora seus melhores desenhos. Em vez de lamentar, seu amigo Luan diz sabiamente: "É uma pena não estar mais lá, mas pense em quantas pessoas vão passar por ali e lembrar que naquele lugar já houve um grande desenho". A arte das ruas, calejada, cruel e corajosa, sempre sobrevive.

Enquanto "suja muros" na visão antiquada de alguns, Iuri Flores Ortiz promove sua arte pelas ruas sem esquecer de passar a melhor mensagem. Logo se percebe o abismo entre seu trabalho e as pichações por aí

Germanias
ARTTES E RESTAURANTE
'A arte da comer bem'
3311-3113

ANEXO E – Recorte de Jornal 05.

DIÁRIO DA MANHÃ

QUARTA-FEIRA

Passo Fundo ♦ Ano 75 ♦ Nº128 ♦ R$ 1,50 — 9 de junho de 2010 — Jornalismo com Responsabilidade ♦ www.diariodamanha.com

REGIÃO

7º CRB tem novo comandante

▶Conexão

ALBERGUE MUNICIPAL

Obras começam quinta-feira

▶Página 7

POLÍCIA

42º atropelamento do ano deixa vítima fatal

▶Página 15

CULTURA

Graffiti em prol da comunidade

FOTO DANIELLA FARIA

ANEXO F – Recorte de Jornal 06.

CULTURA

Graffiti em prol da comunidade

Grupo se reúne para deixar muros mais bonitos e manifestarem contra falta de segurança em determinado ponto da cidade

Quem passa pelas proximidades da Rodoviária percebe que o lugar ganhou mais cores. Um muro que cerca um terreno nas ruas Ângelo Preto e Humberto de Campo foi grafitado por cerca de dez pessoas, o grupo "Taggille". Um dos integrantes, Iuri Flores Ortiz, fala que essa foi uma maneira encontrada de esconder a pichação que existia no local e deixá-lo mais interessante, dando uma outra visão da cidade para quem chega.

Iuri fala que tentaram encontrar o dono do terreno, mas como ele não foi localizado, grafitaram sem a autorização. "Já havia algumas pichações. Mas com o graffiti tudo fica mais bonito. É um local abandonado", fala.

O grafiteiro fala ainda que os desenhos serviram para iluminar as ruas, conhecidas pelos excessos de assaltos. "Aquele lugar é muito escuro e tem muita gente sendo assaltada. É um local perigoso que ninguém

FOTOS DANIELLA FARIA

Aviso foi pintado por pedido de um morador das proximidades

Ano de eleições foi lembrado nos desenhos

Graffiti X Pichação

Existe uma grande diferença entre graffiti e pichação. A diferença é que graffiti é considerado uma arte de rua, já a pichação não é considerada uma arte, e sim uma atitude de vandalismo. A prática de pichar pode levar uma pessoa à cadeia. A mais recente arma contra a ação dos pichadores é o artigo 65 da lei dos crimes ambientais, número 9.605/98, existente desde 1998 e que estabelece punição de três meses a um ano de cadeia e pagamento de multa. Outra diferença da pichação é que ela não é respeitada por ninguém. Já o graffiti é reverenciado porque se trata de uma arte.

ANEXO G – Recorte de Jornal 07.

gosta muito de passar", fala. Ele conta que quando estava pintando um senhor que mora nas proximidades pediu para que eles grafitassem para que os ladrões não assaltassem mais naquele local. Em um dos desenhos há os dizeres "Aviso: o tiozão pediu para não assaltarem nessa rua à noite. Obrigado!". O ano de eleições também não foi esquecido. Alguns dos desenhos retratam o assunto.

Iuri fala que os desenhos foram feitos de forma voluntária, para ajudar a comunidade do local. Ele destaca que se caso alguém se interesse, dependendo do lugar, o grupo faz se o material usado, no caso a tinta, for dada como incentivo. Além de graffiteiro, o grupo também tem outros elementos do hip hop. O hip hop é formado por quatro elementos: o DJ, o grafiteiro, o dançarino e o MC.

Secretaria de Desporto e Cultura

O secretário de Desporto e Cultura, César Azevedo dos Santos diz que essa ação não teve ajuda da Secretaria, mas que a iniciativa de embelezar os muros da cidade com a arte surgiu através dela, na Praça Tochetto. "Hoje a articulação é dos próprios proprietários dos muros diretamente com os grupos de hip hop", fala.

Santos fala que a Sedec tem uma ligação com a cultura hip hop desde 2007, onde promovia oficinas de dança e de graffiti nos bairros. Mas, em 2008, os oficineiros resolveram promover seus próprios projetos. "Na verdade a cultura hip hop já existia em Passo Fundo antes dessa data. O que a Secretaria fez foi reconhecer e dar visibilidade a esse movimento. Procuramos trazer ele para dentro do conjunto de ações da Secretaria tomando isso como elemento importante da cultura da cidade", ressalta.

O secretário frisa que o desenho do graffiti é trabalhado na perspectiva da manifestação artística popular. Ele explica que o movimento hip hop nasceu na comunidade nos bairros, essencialmente nas periferias dos centros urbanos, e apesar da Sedec não estar mais promovendo oficinas, ela sempre procura destacar essa cultura. "Embora não estejamos oferecemos mais as oficinas, nos eventos que a Sedec promove, como o Artes e Lazer na Praça Tochetto, tivemos uma nação do hip hop com os interpretes cantando. Consideramos um elemento importante na cultura de Passo Fundo", complementa.

Semana do Hip Hop

No final do ano passado foi aprovada uma lei, de autoria do vereador Rui Lorenzato, onde foi instituída a Semana do Hip Hop, comemorada na penúltima semana do mês de janeiro de cada ano. Já o dia 24 de janeiro ficou instituído como o dia Municipal do Movimento Cultural HIP HOP de Passo Fundo.

Pela lei o Movimento Cultural HIP HOP, juntamente com o Poder Executivo Municipal, ficaram responsáveis, através das suas organizações representativas, pela formulação das atividades e festejos. O Poder Público também deve estimular a participação de organizações comunitárias, culturais, religiosas, estudantis e empresariais, podendo criar convênios com empresas e a iniciativa privada para a realização desses eventos.

ANEXO H – Print Screen da Matéria Cor no Cinza da Revista Versa.

ARTE URBANA

Grafite colore o viaduto do bairro Vera Cruz.

COR NO CINZA

Grupo de grafiteiros contorna com traços artísticos espaços públicos de Passo Fundo

Difundido em grandes metrópoles, o grafite é uma expressão artística que traduz distintas perspectivas por meio do desenho. Locais sem cor ganham vida a partir do spray dos artistas de rua.

Tainara Scalco

É impossível não perceber os tons alegres sobre os muros da Praça Tochetto, no centro de Passo Fundo. A estética do local mudou depois da criatividade dos jovens do Tag Ville Crew, um grupo de apaixonados por grafite que dão colorido aos locais públicos da cidade com traços marcantes de significados distintos.

Francisco Gallina é um dos artistas. A paixão pelo grafite surgiu em decorrência da habilidade com os desenhos. Do papel para os muros foi uma questão de tempo. As latinhas de spray tornaram-se válvulas de escape para as angústias do cotidiano há cerca de dez anos na vida do jovem. "Grafitar pra mim é uma terapia."

Uma terapia que instiga reflexões e muda a paisagem de locais aparentemente abandonados esteticamente. O viaduto da Avenida Rio Grande, no bairro Vera Cruz, não passa mais despercebido por motoristas, pedestres e moradores das redondezas. Os desenhos nas paredes harmonizam o local.

Dagoberto Costa, proprietário de uma borracharia ao lado do viaduto, apoia a iniciativa artística do Tag Ville Crew: "O ambiente ficou muito melhor depois da arte dos meninos. Inclusive, vou oferecer a parede da borracharia para eles continuarem os desenhos. Acho que deveria ter mais grafite em Passo Fundo."

O grupo de grafiteiros já coloriu dezenas de espaços na cidade. A estimativa é de que foram produzidos mais de 300 desenhos em locais públicos ou privados. Os artistas também fazem trabalhos em empresas, em lojas e em residências.

De onde veio?

Há pouco tempo, o grafite era considerado sinônimo de pichação e não ganhava espaço nas discussões sobre arte. Quando foi criado, na década de 1970, fazia parte do hip-hop, movimento cultural que envolvia música (o rap e o hip-hop) e dança (a street dance). Isso ocorreu na periferia de Nova York, espalhou-se pelo mundo e manteve a característica de expressão de rua dos centros urbanos.

Curiosidades

Roof-top: grafite aplicado em telhados, outdoors ou outras superfícies elevadas.

Tag: nome/pseudônimo do artista.

Wild Style: um dos primeiros estilos utilizados no grafite.

Spot: denominação dada ao lugar onde é feito o grafite.

Bubble: estilo de letras mais simples, arredondadas. Ainda hoje um dos estilos mais presentes.

Francisco Gallina, integrante do grupo Tag Ville Crew.

A estimativa é de que foram produzidos mais de 300 desenhos em locais públicos ou privados.